
Do Ventre
da Baleia

MANUEL JOÃO PEREIRA CORREIA
MISSIONÁRIO COMBONIANO



Atrela o teu Carro a uma Estrela

Sou levado a reflectir sobre esta fase da minha vida à luz da vocação do profeta Jonas. Veio-me logo à mente a figura da baleia de Jonas, desde quando, em 2010, me foi diagnosticada a *ELA* (Esclerose Lateral Amiotrófica). Engolido por este monstro, encontrei-me dentro do seu ventre, qual sepulcro pascal ou gruta de natal, e passei a experimentar fortemente a presença e ternura do Senhor. O meu coração perdeu-se dentro do seu!

Agora, parece-me que me encontro na boca da baleia, finalmente domesticada a ponto de se me ter tornado amiga: é como um púlpito do qual continuo a viver a minha missão de anunciador do Evangelho.

Observo o mundo, à minha volta, como que através dos olhos do cetáceo, que me oferece dois cenários diferentes. Por um lado, posso contemplar este período da vida, que continuo a amar e a apreciar mais que nunca. Por outro, o meu olhar pode já contemplar um *horizonte* diverso, ainda envolto numa brisa ligeira. A *luz* que dele emana atrai-me sempre mais e *serena-me*.

Não sei quando a baleia me abandonará na praia...Mas, guiado por uma misteriosa estrela, continuo sereno e confiante nesta minha viagem dentro do seu ventre e digo a cada um de vós: “Atrela o teu carro a uma estrela!” ao cometa de Jerusalém e cada um dos teus dias será iluminado; e, em cada acontecimento, por escuro e ameaçador que seja, encontrarás uma nova oportunidade de vida, pelo que tudo se transforma em graça! Assim é para mim esta doença.

P. Manuel João Pereira Correia, missionário comboniano

p.mjoão@gmail.com



Aprender a Viver

À Vocação de Adão e Eva

«O mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente... Cristo, novo Adão, revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublime». (Gaudium et Spes, 22. Ver Génesis, capítulos 1-3)

A vocação é a chave do universo. Tudo existe graças ao chamamento de Deus: «Ele envia a luz, e ela vai; chama-a, e ela obedece com tremor. As estrelas brilham alegres, cada uma no seu lugar; Ele chama-as, e elas respondem: “Presente”! E brilham de alegria para Aquele que as criou» (Baruc 3,33-35).

A vida nasce por «vocação». O homem existe por vocação. Viver é responder. Mas na pessoa humana a resposta torna-se consciente e livre. Como aparece claramente na «história» de Adão e Eva. Para reflectir sobre a vocação é preciso partir dali, voltar ao projecto das origens. Mas à luz da nova criação, à luz da Páscoa, do Novo Adão, Cristo Ressuscitado.

A Páscoa é a celebração da vida, a ressurreição da humanidade. É um novo início, uma nova génese, uma nova primavera! O Novo Adão, Jesus Cristo, cujo corpo morto fora deposto na gruta de um jardim, regressa vivo das entranhas obscuras da terra. E aquele jardim de flores murchas embalsamando a morte floresce agora numa explosão de vida, de eterna primavera!

Renasce o Homem, inicia uma nova era! Agora não somos inexoravelmente destinados a percorrer a estrada da morte. Pela primeira vez, deparamo-nos com uma encruzilhada e podemos fazer uma escolha nova e radical: enveredar por um caminho novo, a vereda da Vida, traçada por Cristo, ou «continuar» pela estrada antiga, seguindo como autómatos os traços ancestrais deixados pelas gerações que nos ligam à noite dos tempos, numa cadeia de resignada solidariedade no comum e fatal destino.

«Acorda, ó tu que dormes!» É o grito que ressoa na noite de Páscoa! É a primordial e radical vocação de todo homem e mulher: a Vocação à Vida. Cristo chama-te a assumires nas tuas mãos o teu destino, o de uma vida plena, adulta, responsável! Toma gosto pela vida. Descobre a alegria profunda e duradoura do amor e da amizade. Goza dos sabores autênticos ocultos nas coisas simples e genuínas da vida. Aventura-te por veredas inéditas, traça o teu próprio caminho. Ergue a tua frente ao vento fresco e puro das alturas. Espacia o olhar por novos e mais vastos horizontes. Aprende a viver!...

Eis o Homem

«Façamos o homem à nossa imagem e semelhança... Deus criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus Ele o criou; e criou-os homem e mulher». (Gênesis 1,26-27)

O homem foi feito segundo o «ícone» de Deus. Esta palavra (eikóna, ícone, imagem) aparece 42 vezes na Bíblia. Mas encontramos apenas três vezes a expressão «imagem de Deus»: aqui e na 2 Coríntios 4,4 e Colossenses 1,15, onde se diz que Cristo é «imagem de Deus». Segundo os antigos Padres da Igreja, Deus modelou o homem olhando para o seu Filho. O Filho é o Modelo: Ecce Homo! É este «ícone» que levamos dentro, desfigurado pelas sucessivas incrustações. Como os dois famosos bronzes de Riace, descobertos há uns quarenta anos no fundo marinho e que, libertados das incrustações de mais de dois milénios, são hoje das esculturas mais admiradas.

Mas por que motivo Deus sublinha «à nossa imagem e semelhança», como que repetindo o mesmo conceito? São Basílio diz que «a primeira (imagem) temo-la pela criação, a segunda (semelhança) obtemo-la por livre escolha». Somos ícone de Cristo, espelho da sua glória. Contemplando-a ou reflectindo-a tornamo-nos a Ele semelhantes. «E nós que, com a face descoberta, reflectimos como num espelho a glória do Senhor, somos transfigurados nessa mesma imagem, cada vez mais resplandecente pela acção do Senhor, que é Espírito». (2 Coríntios 3,18)

Crescer

«Crescei e multiplicai-vos...» (Génesse 1,28)

Crescer é a primeira vocação de toda pessoa. Hoje predomina, porém, o complexo de Peter Pan (a personagem literária criada pelo escritor James Barrie em 1902, uma criança que se recusava crescer, refugiando-se numa «ilha» irreal de peregrina e aventureira infância).

Hoje difunde-se o infantilismo. Aconchegados no comodismo, embebidos de burguesismo, embriagados pelo consumismo, a droga do nosso tempo, acabamos por renunciar à vida autêntica. Para adoptar uma existência artificial, cibernética, programada e imposta pelos meios de comunicação, verdadeiros padrões do mundo. A nossa sociedade corre o risco de tornar-se semelhante à retratada no famoso filme Matrix (1999), onde o Big Brother transformara o mundo num universo virtual, graças ao gigantesco computador Matrix, ligado ao cérebro dos seres humanos. Ou então como aquela imaginada noutra filme mais recente em que as pessoas renunciam à vida real para escolher e adoptar uma «ideal», escondendo-se atrás da máscara de um robô que vive e actua em lugar deles.

Não há vida autêntica se nos recusamos a crescer, a arriscar, a sair fora de nós mesmos para enfrentar os desafios da vida. O refúgio de uma existência egoísta e acomodada transforma-se facilmente num túmulo. A vida é para ser dada, semeada, sacrificada, senão acaba por murchar nas nossas mãos.

São Francisco, reproposto pelo papa como modelo para o nosso tempo, aos 23 ou 24 anos assumira já sobre os seus ombros a grande tarefa de «reparar a Igreja de Deus em ruínas». À mesma idade, Einstein elaborou a teoria da relatividade... Não podemos esperar a vida inteira para crescer e frutificar. Como dizia um promotor vocacional: «se me perguntas aos quarenta anos qual é a tua vocação, poderia responder-te no máximo qual era!...»

Ser Homem, ser Mulher

«Crescei, multiplicai-vos, enchei e dominai a terra!» (Génesse 1,28)

O Novo Adão (de cujo peito aberto nasce a Nova Eva) convida-nos a ser Homens e Mulheres. O crescimento conduz à maturidade e fecundidade. Ser ho-

mem, ser mulher comporta acolher, multiplicar e proteger a vida. Ou seja, cuidar da vida em todas as suas formas. A vocação da humanidade, como recordava o Papa Francisco recentemente a propósito de São José, é ser custos (guardião, protector) do Jardim da vida.

«Guardar a criação inteira, a beleza da criação, como se diz no livro de Génesis e nos mostrou São Francisco de Assis: é ter respeito por toda a criatura de Deus e pelo ambiente onde vivemos. É guardar as pessoas, cuidar carinhosamente de todas elas e cada uma, especialmente das crianças, dos idosos, daqueles que são mais frágeis e que muitas vezes estão na periferia do nosso coração. É cuidar uns dos outros na família: os esposos guardam-se reciprocamente, depois, como pais, cuidam dos filhos, e, com o passar do tempo, os próprios filhos tornam-se guardiões dos pais... Fundamentalmente tudo está confiado à guarda do homem, e é uma responsabilidade que nos diz respeito a todos. Sede guardiões dos dons de Deus!»

Infelizmente estamos a tornar-nos uma geração sem mães e sem pais. Faltam mulheres que digam sim à vida, a acolham, sejam mães. Os homens são sempre menos capazes de iniciar os próprios filhos no caminho da vida. Há crise de feminilidade, mas sobretudo de virilidade, nesta época pós-moderna. A tentativa de eliminar o Pai (Deus) está a levar à «morte» a paternidade.

A crise da paternidade acarreta a da virilidade, a perda progressiva da identidade viril, considerada quase como um vírus a debelar. A «filosofia» de um certo feminismo radical e agressivo interpreta a igualdade dos sexos como homologação e a dignidade paritária como permutabilidade. As diferenças seriam artificiais e culturais e, por conseguinte, a eliminar. Nascem assim novas «imagens» de homem, como o metrossexual (o Narciso contemporâneo), o ubersexual e agora heteropolitano, última moda na definição do homem «politicamente correcto»... Assim como outras «figuras» de mulher, como a flexissexual da última moda...

A cultura dominante ataca o acto criador de Deus, que teria criado uma natureza sexuada, homem e mulher, para impor a «ideologia do género», por vezes despótica e agressivamente, através de uma legislação cada vez mais intolerante. A diversidade sexual seria uma simples questão cultural. Para alguns analistas, este

será o grande terramoto cultural e sociológico dos próximos trinta anos (Roberto Marchesini, *O que os homens não dizem. A crise da virilidade*).

Ser responsável

«Então o homem e a mulher esconderam-se da presença de Javé Deus, entre as árvores do jardim». (Génese 3, 8)

Dizem os entendidos nas etapas evolutivas da vida que um adolescente depois dos 12 anos deveria deixar de dizer «não é culpa minha» e assumir a própria responsabilidade. Infelizmente, todos conhecemos muita gente que, adultos de idade, continuam a repetir infantilmente «não é culpa minha».

Esta tendência, na realidade, vem de longe, dos nossos primeiros «pais». «Adão esconde-se para não ter de dar contas da sua vida, para escapar à responsabilidade. Assim se esconde todo homem, porque cada homem é Adão, vive a situação de Adão. Para escapar à responsabilidade dos próprios actos, a sua existência transforma-se num mecanismo de escondimento. Escondendo-se assim e persistindo em ocultar-se “da face de Deus”, o homem desliza sempre e cada vez mais profundamente na falsidade». (Martin Buber)

Foi nesse esconderijo, criado pelo «pai da mentira», que o Novo Adão foi procurar o homem. Agora diante do «túmulo» da nossa falsidade, Cristo Luz, Verdade e Vida, grita como diante do sepulcro de Lázaro: Vem cá para fora!

«Desperta, ó tu que dormes, levanta-te de entre os mortos, e Cristo te iluminará.» (Efésios 5.14).



Construir uma Arca

A Vocação de Noé

O dilúvio universal, com Noé e a sua Arca, é uma das páginas mais populares da Bíblia. Trata-se de um texto bíblico rico de mensagem, que continua a alimentar a imaginação, uma imagem particularmente significativa para os tempos actuais, às voltas com a urgência ecológica. (Génese, capítulos 6-9)

Estamos diante de uma lenda vinda da noite dos tempos? Ou de um facto realmente ocorrido, verosimilmente uma extrapolação a nível universal de um acontecimento local? Seja como for, trata-se de um texto particularmente significativo para os tempos que vivemos, a braços com a devastação ambiental.

Noé e a sua arca...

É também um tema que apaixona pesquisadores e aventureiros à Indiana Jones que se lançam periodicamente em dispendiosas e aventureiras explorações «à procura da arca de Noé». De vez em quando chega a ocupar os grandes títulos de primeira página, sobre uma sua (hipotética) descoberta, algures no cimo do monte Ararat (Turquia) ou nas profundidades obscuras do Mar Negro. Argumento de filmes como «A volta do Todo-Poderoso» (Evan Almighty de Tom Shadyac, 2007, uma das comédias mais caras da história do cinema).

Não faltam até Noés modernos, como um empreendedor holandês que, tendo sonhado com uma Holanda submersa pelas águas, construiu uma réplica exacta da famosa embarcação bíblica. Embora não tenha servido para uma emergência diluviana, veio no entanto a tornar-se um pólo de atracção turística, com um pe-

queno zoo no interior (senão que arca de Noé seria?), delícia das crianças. Do outro lado do mundo, em Hong Kong, um outro empreendedor construiu um hotel que reproduz a arca de Noé com as dimensões descritas na Bíblia. Ao fim e ao cabo, ambos acabaram por beneficiar do «dilúvio» económico que lhes trouxe a empresa!...

Hoje, como nos dias de Noé...

Na realidade, Noé e a sua arca é uma história que fala de nós e dos nossos tempos! Aliás Jesus utiliza o episódio como paradigmático já para a sua época: «A vinda do Filho do Homem será como no tempo de Noé. Porque, nos dias antes do dilúvio, todos comiam e bebiam, casavam-se e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca. E eles nada perceberam, até que veio o dilúvio e arrastou a todos. Assim acontecerá também na vinda do Filho do Homem» (Mateus 24,37-39).

Quando Noé saiu da arca, Deus comprometeu-se, em modo solene (disso é testemunha o arco-íris no Céu!), que a humanidade não seria nunca mais destruída: «Como no tempo de Noé, agora faço a mesma coisa: jurei que as águas do dilúvio nunca mais iriam cobrir a Terra; da mesma forma, agora juro que não deixarei inflamar-se a minha ira contra ti e nunca mais te vou castigar »(Isaías 54,9). Mas o risco hoje é que seja o próprio homem a destruí-la.

A maldade trouxera o caos sobre a terra, forçando Deus a recriar o mundo. Mas a ameaça do regresso do caos não cessou com o fim do Dilúvio. Deus mesmo comprova que «os projectos do coração do homem são maus desde a sua juventude» (Génese 8,21). Para resgatar a humanidade do tsunami do pecado, Deus enviou Cristo como novo Noé que, com a madeira da cruz, construiu a nova arca da Igreja. Através da Palavra dos seus enviados, Ele convida a todos a encontrar nela refúgio.

Noé empregou cem anos a construir a arca mas ninguém se interrogou porque o fazia. Aos habitantes de Nínive bastaram três dias para advertir a eminência do perigo. Para nós são bem mais de cem, comenta S. Agostinho: «Se calculamos os anos desde quando Cristo começou a cortar, desde a floresta que eram povos pa-

gãos, as árvores... para construir a nossa arca, a igreja, verifica-se que são mais de cem, duzentos, trezentos e muito mais. Sim realmente: muitos anos se passaram e a arca ainda está em construção; Noé grita, a construção grita também. Nada pode enviar homens à perdição, excepto a incredulidade!» (Discurso 114b).

Uma terra ameaçada por tantos dilúvios!

Hoje, talvez mais do que nunca, a terra e a vida são ameaçadas por novos e cada vez mais assustadores dilúvios, devido a uma manipulação perversa da criação que Deus nos confiou. As possíveis proporções de tais catástrofes são cada vez maiores e ameaçam arrastar na avalanche tudo e todos. E não se trata só de catástrofes naturais ou do perigo atómico.

Em virtude da mudança do ecossistema, do inquinamento, do desenvolvimento selvagem, etc., calcula-se que dezenas de milhares de espécies animais e vegetais estão em risco de extinção. Uma extinção que se verifica a um ritmo 1000 vezes superior com respeito ao passado, pondo em perigo a biodiversidade. Com amplas e desastrosas consequências. Tal empobrecimento acarreta, entre outras coisas, um aumento dos agentes patológicos responsáveis pela aparição de diversas doenças.

Hoje fala-se muito (e pouco se faz, infelizmente!) a propósito do aquecimento global do planeta, por causa do efeito estufa, provocado principalmente pelas emissões de anidrido carbónico da nossa industrialização e progresso desregrado que lançam na atmosfera anualmente 27 biliões de toneladas, ou seja, 50 000 toneladas por minuto.

Nos últimos anos, a perda anual de zona florestal tem sido de 52 mil km², o que equivale a mais de metade da extensão de Portugal. Além disso, a tendência à uniformidade na exploração de culturas empobrece progressivamente a variedade da flora do planeta. Dois exemplos: desde o início do século passado, passámos de 287 variedades de cenouras a apenas 21; de cerca de 500 variedades de alface a apenas 36.

Mas não se trata somente de flores, plantas e animais em perigo de extinção. Povos inteiros estão ameaçados de desaparecer. Calculam-se que sejam uns 300 mi-

lhões de pessoas. Como os pigmeus, os boximanes, os índios de América, aborígenes... cerca de 5000 comunidades indígenas, em 75 países, e que constituem os 90 por cento da «diversidade» cultural e linguística do planeta. A «ecologia» antropológica está em risco, ameaçada pela homologação provocada pela modernidade e pelo imperialismo linguístico. Diz-se que pelo menos 3000 línguas das 6000-7000 actualmente existentes desaparecerão até 2100. Alguns falam inclusive de 90 por cento delas, nos próximos 100 anos. A morte de uma língua equivale à morte de um modo de vida, de um sistema cultural, um empobrecimento do património mundial!

Deus à procura de novos Noés!

No fundo, estes dilúvios que ameaçam o futuro da humanidade são desencadeados pelo egoísmo, o interesse, a avidez. Um exemplo eloquente é a crise económica mundial destes últimos anos que está dizimando populações inteiras. Tudo isso devido a uma especulação sem escrúpulos. Dizem os entendidos que a riqueza real (produto interno bruto) mundial chega a 60 000 biliões de dólares, enquanto a nominal (virtual, especulativa, fictícia!) é dez vezes superior!

A terra é a arca, navegando no infinito universo, criada por Deus para acolher a vida. Porque a vida é frágil! Desde a sua concepção precisa de uma «arca» que a proteja e lhe ofereça as condições necessárias para o seu crescimento. Especialmente a vida humana. Acolhida na «arca» do ventre materno, continua na da família e da sociedade. Necessita de um ecossistema que a favoreça: o amor!

Perante o crescimento ameaçador das ondas diluvianas do egoísmo que ameaçam de submergir a nossa sociedade, cada um de nós é chamado a ser Noé, a construir uma arca dentro de si, no próprio coração, para acolher e proteger a vida nas suas diversas acepções.

Segundo a tradição hebraica, o dilúvio é uma figura dos tempos messiânicos, quando se realizará a profecia de Isaías (11,6-9): «O lobo será hóspede do cordeiro, a pantera deitar-se-á ao lado do cabrito; o bezerro e o leãozinho pastarão juntos, e um menino os guiará; pastarão juntos o urso e a vaca, e as suas crias ficarão deitadas lado a lado, e o leão comerá feno como o boi. O bebé brincará no buraco

da cobra venenosa, a criancinha enfiará a mão no esconderijo da serpente. Ninguém agirá mal nem provocará destruição no meu monte santo, pois a Terra estará cheia do conhecimento de Javé, tal como as águas enchem o mar» (ou seja, o dilúvio da graça messiânica!). Precisamente o que ocorreu na arca de Noé.

Não é casual certamente que, fazendo as contas, o tempo passado na arca durou cerca de nove meses, o tempo de gestação de uma criança, uma vida nova. Fala-se de águas, abre-se a arca, que é como uma placenta, há um parto e nasce uma nova humanidade.

Hoje deparamos frequentemente com a tentação de fazer do nosso coração uma fortaleza, ou até um bunker impenetrável, de donde partem eventualmente balas para matar ou o abutre para se alimentar das carcaças dos mortos. Sê como Noé! Faz do teu coração uma arca para acolher e promover a vida, e dela enviares a pomba da Paz!



Viver de Esperança

A Vocação de Abraão

O cristão é chamado hoje a «dar razão da sua esperança» (1 Pedro 3,15). Só uma vida vivida na perspectiva da promessa, como Abraão, pode ser testemunha da grande esperança e acendê-la no coração dos demais! (Génesis, capítulos 12-20)

A vocação de Abraão é narrada no capítulo 12 do livro do Génesis. Trata-se de um novo capítulo da criação, o início do «Povo de Deus». Tudo começa com uma palavra dirigida a Abrão: Lek leka, «sai!». Uma palavra que é um imperativo e a condição de uma tríplice promessa: o dom de um povo, de uma terra e de uma bênção.

No princípio, a promessa

Tal palavra, Lek leka, faz sair Abrão da sombra do anonimato em que vivia. Não se diz porque Deus o escolhe. Abrão era um pagão, um homem qualquer. Mas era uma pessoa disponível. Obedece sem pronunciar uma palavra. Noutras vocações reconhece-se ao chamado o direito a hesitar e perguntar. Abrão, porém, não hesita nem faz perguntas. Parte, mesmo antes de saber aonde ir. Deus revelará a meta. É andando que o crente vai descortinando o caminho. Arrancado à família e à terra, inicia uma vida nova, aos 75 anos. Embora os números bíblicos sejam frequentemente simbólicos, este significa de todos os modos que Abrão era um homem avançado em idade.

Lek leka poderia significar literalmente «vai por ti», ou «parte em direcção a ti mesmo». Alguns Padres da Igreja interpretam esta «saída» como itinerário de fé,

um «sair de si mesmo». Para conhecer a própria intimidade mas também a de Deus.

Abrão – como todo homem – tinha as suas aspirações, um sonho a realizar: ser pai. Um sonho que ele levava no nome que lhe fora dado pelos pais: Abrão, ou seja «pai de um povo». A vida, porém, é cruel por vezes e ri-se dos nossos sonhos. Abrão casou-se com Sarai, a «Princesa», muito bonita (Génesis 12,10) mas estéril. Um sonho frustrado significa uma existência fracassada. Uma vida sem um sonho é uma vida sem valor e sem sabor.

Deus intervém na vida de Abrão com uma promessa concreta: realizarei eu o teu sonho! Embora todas as condições pareçam adversas. Porque nada é impossível a Deus (Génesis 18,14). É a força desta promessa a lançar Abrão ao caminho.

Deus encontra todo homem em situação de necessidade. Na origem de toda vocação, de uma maneira ou de outra, existe sempre uma promessa. É ela que dá um sentido à vida! O Senhor revela-se antes de mais como «o Deus das promessas»!

Viver de esperança

Abrão passa a viver de esperança. Dia após dia, um mês atrás do outro, por anos a fio! Toda a sua vida, depois de ter recebido a promessa de Deus.

Todos sentimos necessidade de esperar. Vivemos de esperança! É uma das maiores motivações da vida. Dizemos até que é a última a morrer.

Mas há três tipos de esperança.

Há a esperança «microscópica», que tem que ver com as pequenas coisas da nossa vida, motivação das decisões do dia-a-dia.

Há também a esperança «macroscópica», que pode nortear toda uma vida, levando-nos a lutar por grandes ideais, como o de um mundo mais justo e fraterno.

E existe a esperança «telescópica». Esta perscruta os céus para contemplar as estrelas. É a grande Esperança, capaz de olhar para o alto e de ver ao longe. Ela conduz-nos «fora» de nós mesmos e rasga os nossos horizontes estreitos. É a essa a esperança que é chamado Abrão: «Depois Javé conduziu Abrão para fora, e disse-lhe: Ergue os olhos ao céu e conta as estrelas, se puderes. E acrescentou: Assim será a tua descendência» (Génesis 15,5). A esta esperança somos chamados também nós.

Hoje sente-se a falta de grandes esperanças, que sejam janelas abertas aos vastos e infinitos espaços. É que a esperança tornou-se objecto de mercado no mundo hodierno. Oferecida pelos spots publicitários. Vendida por gurus e curandeiros. Prometida pela miragem de uma ciência capaz de resolver todos os males.

Uma esperança diferente

Mas hoje, talvez mais do que nunca, a gente, desiludida, experimenta a necessidade de uma esperança diferente, que não engane. O problema é que faltam pessoas capazes de viver e de transmitir tal esperança.

Não há esperança para os que «nasceram cansados». Aqueles que procuram o conforto, fogem da cansa, que se queixam de tudo e de todos, arrastam o passo e acabam por cair numa profunda apatia pela vida. Para estes a esperança é uma ilusão.

Não há esperança para os folgazões. A quem interessa só o divertimento, gozar da vida, desfrutar das suas oportunidades para dela tirar todo o prazer. Estes não estão interessados na esperança porque não querem investir nada no futuro. Pretendem tudo no imediato. Vivem alienados no presente.

A esperança acende-se nos corações «insatisfeitos», que desejam «mais e melhor», capazes de entusiasmar-se e de lutar por um ideal e que por isso decidem investir no futuro. Por vezes são considerados um pouco loucos. Mas são estes os que acendem a chama da esperança nos corações. Uma chama resistente às intempéries. Diz S. Agostinho: a esperança é como a chama de uma tocha acesa... Se a mantermos erguida, a chama sobe para o céu; se a inclinamos, a chama continua a

subir para o céu. Se a viramos para baixo, acaso a chama se voltará para o chão? Seja qual for a posição da tocha, a chama não conhece outra orientação senão a de virar-se para o céu.

O desafio da esperança

A esperança, porém, é um grande desafio. Caminha por carreiros pedregosos. Depara com dificuldades e navega frequentemente entre escolhos. Exige coragem. Muita coragem até, às vezes.

Veja-se o que aconteceu com Abrão. Os anos passavam e a promessa tardava a cumprir-se. Depois de dez anos de espera, já com 85 anos, decide «dar uma mão» a Deus, acolhendo a proposta de Sarai, segundo os costumes da época, de ter um filho da escrava Agar. Nasce assim Ismael, «o filho da escrava» (Génesis 16).

Deus «espera» 14 anos mais, antes de se manifestar de novo e renovar a sua promessa a Abrão, agora com 99 anos. Já conformado com a sua sorte, Abrão contentar-se-ia com Ismael mas Deus insiste e aumenta até a aposta: «Serás pai de muitas nações. E já não te chamarás Abrão, mas o teu nome será Abraão, pois farei de ti o pai de muitas nações. Eu tornar-te-ei extremamente fecundo. De ti farei surgir nações, e de ti nascerão reis» (17,4-6).

A reacção de Abrão, com um certo traço de decepção e amargura, é bem compreensível: «Abraão caiu com o rosto por terra e começou a rir, pensando: “Será que um homem com cem anos vai ter um filho, e Sara, que tem noventa anos, vai dar à luz?” Abraão disse a Deus: “Ficarei contente se conservares Ismael vivo”. Deus porém respondeu: “Não! É Sara quem vai dar-te um filho: dar-lhe-ás o nome de Isaac”» (17,17-19).

Os escolhos da esperança

Deus põe a nossa esperança à prova. Através do tempo, do silêncio e da cruz. Estes podem tornar-se os grandes escolhos onde a esperança pode vir a naufragar.

O primeiro escolho a vencer é o tempo. Deus avança por vezes a passo de caracol, sem pressa. Não é de admirar, dado que para o Senhor «mil anos são como um dia e um dia como mil anos» (2 Pedro 3,8). Mas não é assim para o homem! No nosso frenesim, desejaríamos ver realizadas as promessas de Deus sem demora. A promessa requer que se aprenda também a esperá-la. Na realidade, não é Deus que necessita do tempo mas nós próprios, devido à dureza do nosso coração, «tardo a crer na palavra dos profetas» (Lucas 24,25).

O segundo escolho é o pesado silêncio de Deus. Basta pensar nos longos anos em que Deus permanece silencioso com Abrão, quase como se o tivesse esquecido. Abrão continua a sua vida nómada guiado simplesmente por uma promessa. A fé não é uma opção feita uma vez por todas mas a renovar cada dia. Deus educa e purifica a fé do crente não só pelos sinais da sua presença mas também através da sua aparente «ausência».

Mas o maior obstáculo é sem dúvida a prova da cruz e a morte. No caso de Abraão trata-se do convite a «sacrificar» Isaac, o filho da promessa (Génese 22). Para outros, poderia ser o desmoronar-se de quanto dava sentido à existência. Na vida de um missionário, talvez a destruição do fruto do esforço de toda a sua vida apostólica. Por outras palavras, o Senhor convida o crente a «renunciar» à promessa para encontrar só em Deus o sentido da própria vida!

É este o momento da maturidade da esperança. Se Abraão no começo da sua caminhada vocacional tinha sido convidado a sacrificar o seu passado em virtude de uma promessa, agora é chamado a sacrificar o futuro, e sem promessa alguma. No fim, Abraão receberá Isaac de volta mas como puro dom de Deus. A promessa do Senhor será sempre gratuita. É o estranho, imprevisível e incompreensível agir de Deus, «o escândalo da esperança» (Davide Turoldo).

De uma vida de projecto a uma de esperança

Todo homem gosta de projectar a sua vida. «Projectar» (do latim [pro] diante [jacere] deitar) significa tomar nas mãos a própria vida e lançá-la (jectar) diante de si (pro). Edificar a própria existência segundo um «projecto» por nós concebido.

Viver de uma promessa significa algo completamente diferente. A «pro-messa» é algo que me é posto diante («pro-meter», do latim promittere). Viver segundo uma promessa é viver em resposta ao que alguém coloca diante de nós. Atrás do projecto há o desejo do homem de gerir a sua vida segundo os seus sonhos e contando com as próprias forças. A promessa invés é o projecto que Deus me põe diante e que eu acolho como uma vocação, renunciando ao meu projecto pessoal.

O cristão é chamado hoje a «dar razão da sua esperança» (1 Pedro 3,15). Só uma vida vivida na perspectiva da promessa, como Abraão, pode ser testemunha da grande esperança e acendê-la no coração dos demais!



Entre Solidariedade e Solidão

A vocação de Moisés

*A vida e a vocação de Moisés são um misto singular de solidariedade e solidão. Durante toda a sua existência foi um homem só. Colocado como profeta entre Deus e o seu povo, ele viveu **entre** dois mundos, dilacerado por duas paixões. (Êxodo, capítulos 2-7)*

Todos conhecemos a história de Moisés, narrada no livro do Êxodo. É uma das personagens bíblicas mais populares e o representante por excelência do hebraísmo. Aparece 80 vezes no Novo Testamento. Nascido durante o período da escravidão do povo de Israel no Egito, «salvado das águas» do Nilo pela filha do faraó (daí o seu nome), foi educado na corte e iniciado na sabedoria da cultura egípcia. Depois de uma tentativa fracassada de intervir em favor do seu povo, teve de fugir do Egito e refugiar-se no deserto, onde acabou por se estabelecer, casando com uma das filhas de Jetro, sacerdote de Madiã. Um dia, enquanto pastoreava no deserto, Deus apareceu-lhe para lhe dar o encargo de regressar ao Egito e libertar o seu povo. Depois de obrigar o faraó a deixar partir os israelitas – com as famosas 10 pragas do Egito –, conduziu o povo em direcção ao Sinai, onde o Senhor estabeleceria a aliança com Israel. Seguir-se-ia uma longa peregrinação pelo deserto, de lenta e penosa aprendizagem da liberdade. Moisés acabaria por falecer às portas da terra prometida.

Uma vida, três etapas

Segundo a tradição bíblica, Moisés morreu com 120 anos e a sua vida subdivide-se em três etapas (cf. Actos 7,17-44; Números 14,34 ss.): 40 anos na corte faraónica como príncipe; 40 anos em Madiã como pastor; e 40 no deserto como profeta. Quarenta anos é o tempo ideal de uma geração mas também de uma fase da vida.

Durante 40 anos Moisés é educado como príncipe egípcio. Recebe uma educação refinada. Mas esta situação de privilégio, que o separa do seu povo, não o faz esquecer as suas origens e a situação de miséria e escravidão em que vive Israel. Aos 40 anos «a voz do coração» faz-se sentir e opta por «descer» para o meio da sua gente (cf. Actos 7,22). Sente-se responsável do destino do seu povo. Mas depois de um acto de valentia, verifica a sua impotência e, temendo pela vida, foge para o deserto.

De novo segregado do seu povo, seguem-se outros 40 anos. Moisés refugia-se na vida privada, na doçura de um lar e na solidão das longas transumâncias de pastor. Não se esquecerá do passado, mas acaba por habituar-se à rotina tranquila do seu presente e por resignar-se à obscuridade do seu futuro de refugiado. No fim de contas, tinha encontrado uma nova terra, um povo, uma família. Que mais poderia esperar? Mas o coração não se sentia satisfeito. Prova-o o facto de dar o nome de Gerson ao seu primogénito: «sou um emigrante em terra estrangeira».

Quando tudo parecia indicar que por ali terminaria os seus dias, acontece o inesperado. Pastoreando nos arredores do Sinai, Deus aparece-lhe, revelando-lhe o seu Nome misterioso e impronunciável: 'ehjeh 'asher 'ehjeh, «Eu sou aquele que sou» (Êxodo 3,14). Um biblista lê: «Eu sou aquele que ama com paixão» (G. V. Rad). O Senhor apresenta-se numa planta espinhosa, uma sarça, que arde sem se consumir. Símbolo da solidariedade de Deus com o sofrimento do seu povo. O fogo desta paixão incendeia o coração de Moisés. Desde esse momento, ele será o instrumento do Senhor para libertar o Seu povo. Esta é a missão à qual Deus o destinara, o sentido da sua existência e da sua singular história. Durante 40 anos Moisés será então o Profeta «potente em palavras e obras» (Actos 7,22) que conduzirá Israel em direcção à liberdade.

São três etapas que encontramos na vida de todo o vocacionado. Uma fase de preparação, povoada de sonhos e ideais. Vivendo no seio de uma sociedade tantas vezes injusta e discriminatória, dispomo-nos a lutar contra a injustiça, empolgados pelo entusiasmo e a autoconfiança. Mas o impacto do nosso idealismo com a realidade concreta é sempre doloroso e pode levar a uma experiência de fracasso e de ânimo, por vezes fatal. Como aconteceu a Moisés quando, depois de ter matado o egípcio, num ímpeto de revolta contra o opressor, se viu rejeitado pelo seu próprio povo e teve de fugir. Desiludido, renunciando ao sonho de libertador, deixa de solidarizar-se com a sorte dos outros, e não pensa senão em salvar a própria pele. Mas Deus continua a sua acção no silêncio do deserto, na insatisfação do coração. E acaba por vencer a tentação de uma vida tranquila e cómoda, e dissipar medos e resistências. Seduzido o coração, eis-nos lançados na grande aventura, com uma única segurança: «Eu estou contigo!» (Êxodo 3,12).

Entre solidariedade e solidão

A vida e a vocação de Moisés são um misto singular de solidariedade e solidão. Durante toda a sua existência foi um homem só. E, ao mesmo tempo, profundamente solidário. É o confidente e amigo de Deus com quem fala «cara a cara» (Êxodo 33,11) mas pronto a sacrificar-se pelo seu povo: por ele abandona a comodidade da corte faraónica, por ele renuncia à sua vida matrimonial (18, 1-12), por ele está disposto a morrer (32, 31), partilhando de facto a sorte de quantos morreram no deserto, falecendo às portas da Terra Prometida (Deuterónimo 34,1-12).

Colocado como profeta entre Deus e o seu povo, ele viveu entre dois mundos, dilacerado por duas paixões. Em vão procurara fugir a esta «solidão», buscando um sustento em Arão, seu porta-voz, em Josué, seu discípulo, nos 72 anciãos seus ajudantes... Ele teve de aguentar com os golpes e contragolpes das peripécias da aliança de Deus com Israel. Numa história dramática tecida de solidão, hostilidade e rejeição, a resistência de Moisés, como um arco sempre em tensão, por vezes esteve prestes a romper-se: «Eu sozinho não posso suportar todo esse povo; ele é pesado demais para mim. Em vez de me tratar assim, rogo-vos que antes me façais morrer, se achei agrado aos vossos olhos» (Nm 11, 14-15).

Fazer de ponte

Moisés foi a ponte entre Deus e o seu povo. Assim é chamado a ser aquela ou aquele que é chamado pelo Senhor a ser seu missionário: destinado a solidarizar-se totalmente com Deus de quem é profeta e com um povo de quem é pastor. Com o risco de experimentar muitas vezes a «solidão». Mas só assim uma vida se torna «sólida e solidária». Caso contrário será «só e solitária».

Permiti-me de concluir com uma longa citação tomada do P. José Luis Martin Descalzo (do livro *Razões para a Alegria*) que ilustra bem esta situação do Pastor.

«De todos os títulos que há no mundo, o que mais me agrada é o de Pontífice, que quer dizer literalmente construtor de pontes. Um título do qual, não sei porquê, se apoderaram o Papa e os Bispos, mas que na antiguidade cristã se referia a todos os sacerdotes e que, em boa lógica, ficaria muito bem a todas as pessoas que vivem de coração aberto.

É um título que me entusiasma, porque não há tarefa mais formosa do que dedicar-se a estender pontes entre os homens e as coisas. Sobretudo num tempo em que são tão abundantes os construtores de barreiras. Num mundo de tantas valas, que coisa melhor do que dedicar-se a superá-las?

Mas fazer pontes – e sobretudo fazer de ponte – é uma tarefa muito dura. Não se faz sem muito sacrifício. Uma ponte é alguém que é fiel às duas margens, mas que não pertence a nenhuma delas. Quando se pede a um padre que seja ponte entre Deus e os homens, quase se está a obrigá-lo a ser um pouco menos homem, a renunciar provisoriamente à sua condição humana para intentar esse duro ofício de mediador e de transportador de margem a margem.

Se a ponte não pertence por inteiro a nenhuma das margens, tem de estar firmemente assente em ambas elas. Não «é» margem, mas apoia-se nelas, é súbdita de ambas, depende de uma e de outra. Ser ponte é renunciar a toda a liberdade pessoal. Só se serve quando se renunciou.

É lógico que sai muito caro servir de ponte. É um ofício pelo qual se paga muito mais do que se recebe. Uma ponte é fundamentalmente alguém que suporta o peso de todos os que passam por ela. A resistência, a solidez, são as suas virtudes.

Numa ponte, conta menos a beleza e a simpatia – embora seja muito bela uma ponte formosa –; conta sobretudo a capacidade de serviço, a utilidade.

Uma ponte vive no des-agradecimento: ninguém fica a viver em cima da ponte. Usa-se para passar, e pára-se na outra margem. Quem quiser carinhos escolha outra profissão. O mediador acaba a sua tarefa quando mediou. A sua tarefa posterior é o esquecimento.

Uma ponte é até a primeira coisa a ser bombardeada durante uma guerra. Por isso está o mundo cheio de pontes destruídas. Apesar disso, meus amigos, que grande ofício é ser ponte entre as pessoas, entre as coisas, entre as ideias, entre as gerações! O mundo deixaria de ser habitável no dia em que houvesse nele mais construtores de valas do que de pontes.»



Profeta de Fogo e Zelo

A vocação de Elias

Vivemos em «tempos maus», dizemos frequentemente. Mas em realidade os «tempos bons» existem só na nossa curta memória nostálgica. Todas as épocas apresentam desafios e dificuldades que põem à prova a fé do crente (1Reis, capítulos 17-19).

Os tempos de Elias foram também difíceis. Exerceu o seu ministério a meados do século IX antes de Cristo, no reino de Israel. Do ponto social e político, foi um momento auge do Reino do Norte, uma época de paz e de prosperidade económica. Mas também de grande infidelidade idolátrica. Como a nossa!...

Idolatrias

Reinava então em Israel o ímpio rei Acab, que, para cúmulo dos males, casara com a perversa rainha Jezabel, filha do rei de Tiro. Jezabel trouxe consigo o seu «senhor» e «esposo», Baal, o deus da chuva e da fecundidade. Determinada como era, pelas boas e pelas más, acabou por impor por todo o lado o culto a Baal (1 Reis 16,30-33). Também nisto podemos ver uma analogia com a nossa época. Muda só o nome da «rainha» e do seu «deus». Todos seríamos capazes de dar-lhes um nome e um rosto. O método para ofuscar as mentes e escravizar as consciências, a indiferença com que se sacrificam tantas vítimas ao ídolo não diferem substancialmente. A luz da fé parece extinguir-se, a voz das testemunhas é silenciada e até o céu parece ofuscar-se...

É neste contexto que Deus suscita uma testemunha extraordinária na pessoa do profeta Elias. Ele aparece de uma maneira abrupta no capítulo 17 do primeiro Li-

vro dos Reis, anunciando uma carestia. As suas palavras ressoam como um relâmpago em céu sereno no rico e idólatra reino de Israel: «Juro pelo nome do Senhor, o Deus de Israel, a quem sirvo, que não cairá orvalho nem chuva nos próximos anos, excepto mediante a minha palavra.» E o céu obedece. Não chove, não obstante que Baal se proclame senhor da chuva. E a terra ressequida não pode alimentar a vida. A morte ameaça a todos: homens e animais.

Fogo e zelo

O profeta Elias é uma das grandes figuras bíblicas. A sua personalidade extraordinária, o seu carácter intrépido e heróico, o carisma profético singular fizeram dele o profeta por antonomásia. Recordemo-nos que Elias aparece com Moisés, falando com Jesus durante a transfiguração. A sua figura continuou a suscitar um fascínio particular ao longo dos tempos na tradição judaica e cristã.

Elias é o profeta de fogo: «Suas palavras queimavam como uma tocha ardente» (Eclesiástico 48,1). A sua oração faz descer o fogo do céu para devorar o sacrifício preparado para o Senhor no Monte Carmelo, desafiando e desconfessando os profetas de Baal (1 Reis 18). No final da vida, será levado para o céu num carro de fogo.

É profeta de fogo porque o seu coração está «cheio de zelo pelo Senhor», como ele repete por duas vezes na epifania de Deus no monte Sinai (1 Reis 18). Este zelo consome toda a sua vida e o seu ministério. Como Jesus. Também trouxe o fogo sobre a terra e o seu coração consumia-se pelo mesmo zelo: «Eu vim trazer o fogo à terra e que quero eu senão que ele se acenda?» (Lucas 12,49). Em grego, a palavra «zelo» tem a conotação de «fogo».

Hoje falta tal fogo no coração do cristão. Onde foi parar a chama ateadada pelo coração de Cristo? Abundam os corações apagados, cobertos de cinzas. Tudo se faz sem zelo e sem exaltação. Os nossos ideais não despertam entusiasmo, liquefeitos como são e versados em corações amorfos. Dir-se-ia que nos sentimos incapazes de nos enamorarmos, de nos apaixonarmos verdadeiramente, por uma pessoa ou por um ideal. Até desconfiamos e ficamos de pé atrás quando alguém defende um princípio com certa convicção ou manifesta um pouco mais de zelo no que

faz. Não é «politicamente correcto», pode «ofender a sensibilidade» dos outros. Impera o relativismo e, por conseguinte, a apatia.

Parece que o zelo hoje é mais característico das forças do mal. Basta pensar, por exemplo, no terrorismo e na sua energia destrutiva intensa, cheia de ódio e violência. Ou a manipulação aguerrida das consciências orquestrada por certos movimentos promotores daquela que João Paulo II apelidou de «cultura da morte». Ou, ainda, o sistema económico mundial, hoje patrão supremo, que com as suas «leis de mercado» marginaliza populações inteiras, difundindo aquela que o Papa Francisco chama a «cultura do desperdício».

À escola de Elias e de Jesus

Hoje temos necessidade de profetas de fogo e zelo como Elias, para testemunhar o Deus vivo e verdadeiro e promover a cultura da vida. Como obtê-los? Como despertar em nós o espírito de Elias? Como herdar uma sua «dupla porção» como pedira o seu discípulo Eliseu? Frequentando a sua mesma escola: retirando-se na solidão e convivendo com os pobres! Uma dupla escola. Como Jesus. Primeiro, no retiro de Nazaré e do deserto, para receber o ensinamento do Espírito e ser revestido pela sua força. Depois, convivendo com os pobres e a miséria do mundo para experimentar e receber a compaixão do Pai. E por isso proclamará na sinagoga de Nazaré: «O Espírito do Senhor está sobre mim. Ele me ungiu para evangelizar os pobres. Enviou-me a curar os quebrantados, a pregar a liberdade aos cativos, a dar a vista aos cegos, a pôr em liberdade os oprimidos, a anunciar um ano de graça de Senhor» (Lucas 4,18-9).

Enviado em retiro...

Se a estrutura de um edifício não é suportada por alicerces adequados, o prédio corre o risco de desmoronar-se. O mesmo acontece no caso da pessoa chamada a exercer um ministério na Igreja: é preciso, antes de tudo, que tenha estado a sós com Deus e que as raízes da sua espiritualidade tenham chegado às águas profundas da contemplação. Caso contrário, será um propagador de ideias mas não uma

testemunha. É necessário que o seu ouvido esteja habituado a «ouvir», para que a língua seja capaz de «falar». Sem tempos de deserto e solidão que favorecem o encontro com Deus na oração, não há profecia.

Por isso a primeira coisa que Deus faz com Elias é mandá-lo em retiro: «Retira-te daqui, e vai para o oriente, e esconde-te junto ao ribeiro de Querite...» (1 Reis 17,3). Saber «retirar-se», «orientar» a própria vida, «esconder-se», eis o abc de todo discípulo. É o mesmo convite que Jesus nos dirige: «Quando orares, entra no teu aposento e, fechando a tua porta, ora a teu Pai que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará publicamente» (Mateus 6,6).

Só nessa escola conheceremos o nosso verdadeiro nome: «Elias» (Eli-Ya, «o meu Deus é Javé») e aprenderemos a «estar continuamente na presença de Deus» como Elias (cf. 1 Reis 17,1, 18,15). O testemunho da sua vida ajuda a compreender que a verdadeira tentação e o mal supremo não é o ateísmo, mas a idolatria. O ateísmo pode ser um grito de sofrimento e a dor de uma ausência. A idolatria, pelo contrário, transforma-se pouco a pouco num coma profundo, antecâmara da morte.

Enviado à periferia da cidade...

Da «periferia» do seu retiro situado do «outro lado», à «esquerda do Jordão», Elias é enviado ao norte nas terras pagãs da rainha Jezabel, a uma outra periferia, a da cidade, a dos pobres e desfavorecidos: «Vai imediatamente para a cidade de Sarepta de Sídon e fica por lá. Ordenei a uma viúva daquele lugar que te forneça comida» (1 Reis 17,9). Partilhar a vida do pobre, regressando à essencialidade e simplicidade de estilo de vida, é o estágio do apóstolo. Trata-se de outro lugar privilegiado da Presença de Deus. Só lá se pode reconhecer o verdadeiro rosto de Deus, o do amor e da justiça. Duas faces inseparáveis. Deus que ama e restabelece a justiça, respondendo ao grito da viúva.

As muitas barreiras criadas pelas diferenças sociais, étnicas, religiosas... separaram-nos não só dos «outros» de diferente raça e cor, língua e cultura, mas também do «Outro» que em todos se incarnou. Falta-nos a convivência com os «marginais», embora nunca como hoje estiveram tão perto de nós. De aí a insistência do

Papa Francisco a convidar os pastores da Igreja (mas não só eles!) a ir para as «periferias».

Concluo com este seu feroso apelo dirigido aos sacerdotes na Quinta-Feira Santa: «O nosso povo gosta do Evangelho quando é pregado com unção, quando o Evangelho que pregamos chega ao seu dia-a-dia, quando escorre como o óleo de Aarão até às bordas da realidade, quando ilumina as situações extremas, “as periferias” onde o povo fiel está mais exposto à invasão daqueles que querem saquear a sua fé. As pessoas agradecem-nos porque sentem que rezámos a partir das realidades da sua vida de todos os dias, as suas penas e alegrias, as suas angústias e esperanças...

Quem não sai de si mesmo, em vez de ser mediador, torna-se pouco a pouco um intermediário, um gestor. A diferença é bem conhecida de todos: o intermediário e o gestor “já receberam a sua recompensa”. É que, não colocando em jogo a pele e o próprio coração, não recebem aquele agradecimento carinhoso que nasce do coração; e daqui deriva precisamente a insatisfação de alguns, que acabam por viver tristes, padres tristes, e transformados numa espécie de colecionadores de antiguidades ou então de novidades, em vez de serem pastores com o “cheiro das ovelhas” – isto vo-lo peço: sede pastores com o “cheiro das ovelhas”!»



Espelho das Nossas Fugas

A Vocação de Jonas

Há momentos particulares em que se torna urgente reprojectar a nossa vida e a nossa missão. Por exemplo, no início dum novo ano. A figura de Jonas poderia oferecer um bom ponto de partida... Parecerá algo estranho apresentar este profeta como «modelo», dada a sua relutância a partir em obediência à Palavra de Deus. Mas não será precisamente Jonas o espelho das nossas resistências e das nossas fugas? (Jonas, capítulos 1-4).

«Para tudo há um tempo, para cada coisa há um momento debaixo dos céus: tempo para nascer, e tempo para morrer; tempo para plantar, e tempo para arrancar o que foi plantado» (Eclesiastes 3,1). Se bem que haja um tempo para tudo, o tempo de recomeçar, de relançar a vida é de importância capital.

Como, por exemplo, o mês de Outubro quando regressamos às nossas tarefas e responsabilidades, depois do período das férias e do Verão. Com o Outono a vida reparte. Iniciamos um novo ano escolar, pastoral ou profissional... É tempo de partir de novo, de reprojectar o caminho da nossa vida e da nossa missão. A existência implica um contínuo recomeçar, não porque sejamos condenados a repetir o passado mas porque somos agraciados com uma nova oportunidade para o futuro.

Que sentimentos nos animam no princípio de um novo ano?

Outubro é também o mês da Missão, com a celebração do Dia Mundial das Missões no penúltimo domingo do mês. É uma boa ocasião para reflectir sobre a nossa vocação missionária de enviados. Um convite a partir!...

Nestas circunstâncias, proponho meditar sobre a figura de Jonas, um profeta que é convidado a levantar-se para iniciar uma longa viagem. Pode parecer algo estranho apresentar este profeta como exemplo, dada a sua relutância e resistência a partir em obediência à Palavra de Deus. Mas não será precisamente Jonas o espelho de nós próprios?

Partir para fugir

A vocação de Jonas aparece-nos no livrinho que tem o seu nome, um dos 12 profetas menores. Um livro singular, de carácter narrativo, um midrash, ou seja, uma história exemplar. A sua mensagem constitui um dos ápices do primeiro testamento, um prenúncio da mensagem de Jesus, do Pai misericordioso que a todos quer salvar.

A história é conhecida. O profeta Jonas (cujo nome significa «pomba»!) recebe de Deus uma ordem de missão: «Levanta-te, vai à grande cidade de Nínive, e clama contra ela, porque a sua malícia subiu até à minha presença.» Diz o texto bíblico que Jonas se pôs a caminho, mas na direcção contrária, para fugir do Senhor. Desceu a Jope, onde encontrou um navio que partia para Tárzis; pagou a passagem e embarcou. Uma vez embarcado, refugiou-se nos porões do barco e aí adormeceu profundamente.

Em vez de partir para oriente, em direcção a Nínive, capital da Assíria e inimiga histórica do seu povo, Israel, foge para bem longe. A «pomba» recusa-se a levar a mensagem. Com efeito, Tárzis fica algures para ocidente, talvez em Itália (há até quem diga que se trate de Gibraltar!), ou seja, nas antípodas de onde deveria ir. Longe de Nínive e da sua gente, longe de Deus e da sua incómoda missão.

Quantas vezes não fugimos também nós à nossa responsabilidade, optando por uma vida que se furta ao sacrifício e à cruz, refugiando-nos numa vida cómoda e tranquila, longe do empenho e da luta?!

Jonas, um missionário em fuga, é o espelho de tantas nossas falsas partidas, que são fugas ao nosso dever, à nossa missão. Onde estou andando eu? Em direcção a Nínive ou a Tárzis?

Sem «responsabilidade» (ou seja, disponibilidade a responder) não crescemos, ficamos eternamente infantis. É este talvez um dos grandes males que afligem a sociedade de hoje!...

Afastar-se ou aproximar-se

A mentalidade religiosa de Jonas é a de... manter as distâncias! Afasta-se de Nínive, porque os seus habitantes são pagãos e inimigos, são «distantes» e tais devem ficar. Jonas afasta-se também de Deus porque não partilha a sua atitude de compaixão, de «proximidade» para com Nínive. Jonas parte mas para Afastar-se, para reafirmar a sua distância!

No dia 10 de Outubro, celebra-se São Daniel Comboni, apóstolo da África. A festa de Comboni oferece-nos um exemplo de uma «boa partida». Convencido de ser enviado à África, luta para superar todos os obstáculos que se levantam para o impedir de partir. Perante o fracasso da primeira viagem que leva tantos a desistir da empresa, ele não desespera e volta à carga: «Se o Papa, a Congregação da Propagação da Fé e todos os bispos do mundo estiverem contra mim, inclinarei a cabeça por um ano e, em seguida, apresentarei um novo plano, mas desistir de pensar na África, nunca, nunca!» A sua é uma espiritualidade missionária da proximidade! Deixa a sua terra, a sua família, os seres e realidades mais próximas para se tornar «próximo» dos que estão longe. Parte em viagem em direcção à periferia do mundo, para terras e populações distantes e desconhecidas, para aproximar-se dos longínquos. E desta maneira aproxima-se do Coração de Deus.

E a minha, é uma espiritualidade missionária da proximidade ou uma religiosidade de alienação que escava distâncias ou fossas entre mim e os outros, entre o meu coração e o Coração de Deus?

O Deus das mil armadilhas!

Em resposta à «ordem de missão», Jonas cala-se e foge. Deus cala-se também, mas lança-se na sua perseguição. O Senhor é «o Deus das mil emboscadas», diz um teólogo italiano (ver Amós 5,18-19). Ele precede-nos até nos caminhos que nos

afastam dele, para tecer-nos uma «armadilha», de maneira que Lhe caiamos nos braços.

Deus envia um seu primeiro mensageiro: o vento, que levanta tal tempestade que a embarcação ameaça despedaçar-se. Este mensageiro converte os passageiros, que se põem todos a rezar. Todos, excepto Jonas. É o próprio capitão que o encontra, refugiado na escuridão do porão do barco, profundamente adormecido, alienado da angústia, azáfama e esforço de todos os demais à sua volta. Desperta-o violentamente: «Dorminhoco! Que estás fazendo aqui? Levanta-te e invoca o teu Deus!...»

Estranho sono letárgico de Jonas, que denuncia a tentativa de calar a voz da consciência!... Não é certamente o sono tranquilo de Jesus, dormindo à proa do barco de Pedro, ameaçado pela tormenta no lago da Galileia. Uma letargia que não nos é desconhecida! Acho que poderíamos dizer que cada um de nós tem também o seu refúgio, onde procura distrair-se e fechar os olhos à realidade dolorosa, na vã tentativa de ignorar a chamada à «responsabilidade».

Um subterfúgio que, aliás, vem de muito longe, dos tempos de Adão e Eva, quando estes se esconderam do olhar de Deus depois da desobediência. Mas nenhum lugar conseguirá esconder-nos da face de Deus. Como bem diz o salmo 139: «Para onde ir, longe do teu espírito? Para onde fugir, longe da tua presença? Se subo aos céus, tu lá estás; se fizer no inferno a minha cama, aí te encontro. Se tomo as asas da alvorada para habitar nos limites do mar, mesmo lá é a tua mão que me conduz, e a tua mão direita me sustenta. Se eu dissesse: “Ao menos a treva me cubra, e a noite seja um cinto ao meu redor” – mesmo a treva não é treva para ti, tanto a noite como o dia iluminam.»

Os passageiros do barco entregue à tempestade decidem «investigar» de quem é a culpa, através da tiragem à sorte. E a sorte cai sobre Jonas! É o segundo mensageiro, através do qual o longo braço de Deus alcança o seu apóstolo para o chamar à responsabilidade. Jonas, apanhado em flagrante, assume a sua culpa e diz aos seus companheiros de viagem que o atirem ao mar. Não sabemos se se trata de um acto supremo de abandono nos braços de Deus. Tudo indica, porém, que seja um último e desesperado gesto ditado pelo remorso.

«Deus não quer a morte do pecador mas que se converta e viva», diz o profeta Ezequiel 33,11. Deus envia um terceiro mensageiro para resgatar o seu profeta: «um grande peixe». Jonas permanece três dias e três noites no seu ventre. É uma experiência pascal, que converte o coração de Jonas e o faz rezar, finalmente! Do fundo das entranhas do peixe, Jonas ergue a Deus uma sentida e profunda prece. «Então o Senhor ordena ao peixe, e este vomita Jonas na praia»!...

A imaginação popular crê que se tratava de uma baleia. Uma tradição judaica diz que os dois olhos da baleia eram como duas janelas através das quais Jonas contemplava a realidade externa. Ora a baleia tem os olhos lateralmente, pelo que cada olho tem uma visão diversa, um à esquerda e o outro à direita. Desses dois ângulos visuais, Jonas é obrigado a considerar uma dupla perspectiva da realidade: a sua, virada a ocidente, a Társis; e a de Deus, virada a oriente, a Nínive. E a visão de Deus acaba por prevalecer.

Quantas vezes não terá acontecido também a nós, de sermos obrigados a «entrar em nós mesmos», a enfrentar a nossa realidade, e de rezarmos precisamente no momento de aflição, quando nos encontrámos nas entranhas da baleia?!

O Profeta sobre a colina

Jonas é enviado pela segunda vez: «Vai a Nínive, a grande cidade, e faz-lhe conhecer a mensagem que te ordenei.» Jonas desta vez obedece, de bom ou mau grado. Começa a calcorrear a cidade (eram precisos três dias para a percorrer!), pregando: «Daqui a quarenta dias, Nínive será destruída.»

Terminada a sua missão, a «pomba», Jonas refugia-se numa colina afastada da cidade para ver o que aconteceria. Aqui vemos que a sua «proximidade» a este povo é apenas física e momentânea, não atinge o coração. Apenas pode, foge da cidade, afasta-se. Torna-se um simples espectador. Não se solidariza com esta gente. Não são o «seu» povo!

Não é esta a atitude de Comboni. Solidário com o «seu» povo, faz «causa comum» com os Africanos. Contempla-os da colina do Calvário, com o olhar do Co-

ração trespassado de Cristo Bom Pastor. Disposto a dar a sua vida por eles. É esse o seu lugar privilegiado de observação, à sombra da Cruz.

De qual colina contemplamos nós o mundo? Desde a colina encastelada do nosso egoísmo (e Deus não queira que com um olhar de abutre!), ou da colina da solidariedade onde foi plantada a cruz de Cristo, com o olhar de mansidão da pomba que daí voa para ir anunciar a paz?

Cidade e profeta a salvar!

A pregação de Jonas, porém, obtém um êxito inesperado. O rei decreta um jejum de penitência e conversão. E Deus perdoa. Com efeito a ameaça da sua Justiça era apenas uma «arma» ao serviço da Misericórdia.

Há muita alegria no céu e regozijo em Nínive. Mas não no coração de Jonas. O êxito que ele esperava era outro: que o fogo descesse do céu, como acontecera com Elias. Jonas fica tão indignado com isso e irritado com Deus que invoca a morte. No fundo, ele é o filho maior da parábola do filho pródigo, que recusa partilhar a alegria do Pai e acolher o irmão que se perdera.

Mas o Pai, que salvara Nínive, quer salvar também o seu profeta. Jonas, no topo da colina, refugia-se do sol debaixo de uns ramos. Deus então faz crescer um arbusto para fazer sombra à sua cabeça e curá-lo de seu mau humor. Jonas alegra-se com isso.

No dia seguinte, porém, o Senhor envia um pequeno mensageiro, um simples verme, que rói a raiz do arbusto. E em seguida envia o fogo do sol a golpear a cabeça do pobre profeta que, irritado e desfalecido, invoca de novo a morte.

O livro termina com uma pergunta, dirigida ao profeta mas também a nós, que tantas vezes nos desesperamos por pequenas coisas que nos acontecem, sem nos preocuparmos com a sorte dos demais:

«Tiveste compaixão de um arbusto, pelo qual nada fizeste... E então, não heide ter compaixão da grande cidade de Nínive, onde há mais de cento e vinte mil

seres humanos, que não sabem discernir entre a sua mão direita e a sua mão esquerda, e uma inumerável multidão de animais?»»

Qual será a minha resposta?



Uma Vocação com Cinco Moradas

Vocação de João Baptista

João Baptista é a ponte que das margens da Primeira ou Antiga Aliança conduz à nova Terra Prometida, ao tempo da Nova Aliança, realização das antigas promessas. Ele é «o profeta do Altíssimo... enviado adiante do Senhor a preparar os seus caminhos (Lucas 1,68.76.79). Ele proclama-se a «Voz» (Mateus 3,2), «o Amigo do Esposo» (João 3,29). Jesus tece-lhe o seguinte elogio: «entre os nascidos de mulher não veio ao mundo outro maior que João Baptista» (Mateus 11,11. Ver ainda Lucas 1, 5-25 e 57-80; Mateus 3, 1-17).

Uma tal missão corresponde a uma vocação especialíssima. Mas também exemplar, que ilumina a nossa própria vocação. Vamos descrevê-la em cinco etapas, tendo como referência cinco lugares a ela ligados: o Templo, a casa, o deserto, o rio Jordão e a prisão do palácio de Herodes.

O TEMPLO de Deus, onde a vida e a vocação são concebidas

«Ora, exercendo Zacarias diante de Deus as funções de sacerdote, na ordem da sua classe, coube-lhe por sorte, segundo o costume em uso entre os sacerdotes, entrar no santuário do Senhor e aí oferecer o perfume... Apareceu-lhe então um anjo do Senhor, em pé, à direita do altar do perfume» (ver Lucas 1,5-25).

A vocação do Baptista começa no Templo de Jerusalém, com o anúncio da boa nova do seu nascimento trazida pelo anjo Gabriel ao assustado e incrédulo Zacarias: «Não temas, Zacarias. Deus ouviu a tua prece. Isabel, tua mulher, vai dar-te um filho, ao qual porás o nome de João.» João significa Deus é misericordioso. Todos os nossos nomes aludem à sua Misericórdia!...

A vida tem início no «Templo», demora primordial do Ser. Todos somos concebidos, em primeiro lugar, no Coração de Deus. De lá dimana a vida, a eleição, a consagração e a missão do vocacionado: «Antes de te formar no ventre de tua mãe, Eu te conheci; antes que fosses dado à luz, Eu te consagrei, para fazer de ti profeta das nações» (Jeremias 1,5).

Uma vida que corte este cordão umbilical que a liga à fonte do Ser está condenada a perder vitalidade e a definhar; a perder-se nos meandros de tantos atalhos tortuosos da existência; a vaguear na obscuridade das muitas noites sem estrelas. Uma vocação que não cultiva a comunhão com Deus na oração, que não frequenta o seu templo interior, depressa será sufocada por mil vozes vociferantes, por ilusões e fantasias, por espinhos e abrolhos.

Há um templo de Deus a ser reconstruído – antes de mais em nós – diz o profeta Ageu: «É então o momento de habitardes em casas confortáveis, estando esta casa em ruínas? Eis o que declara o Senhor dos exércitos: considerai o que fazeis! Semeais muito e recolheis pouco; comeis e não vos saciais; bebeis e não chegais a apagar a vossa sede; vestis, mas não vos aqueceis; e o operário guarda o seu salário em saco roto!... Porquê? Porque a minha casa está em ruínas, enquanto cada um de vós só tem cuidado da sua» (Ageu 1).

A CASA, lugar da gestação da vida e vocação

«Decorridos os dias do seu ministério, (Zacarias) retirou-se para sua casa. Depois disso, Isabel, sua mulher, engravidou e durante cinco meses não saiu de casa» (Lucas 1,23-24).

A vida, com toda a sua extraordinária beleza, força e exuberância, capaz de maravilhar-nos a cada passo, é também extremamente frágil. Necessita de ser aco-

lhida no seio da Terra, de encontrar uma casa onde habitar, de ser hospedada num ventre que a nutre, acarinha e protege...

A vida nascente e a vocação profetizada de João Baptista encontraram na casa de Zacarias e no seio de Isabel um berço acolhedor.

Da mesma maneira toda a vocação requer uma «casa», um contexto favorável. Tal «casa» será a família, a comunidade cristã, um grupo de apoio... Ou seja, uma espécie de «estufa» que ofereça as condições necessárias à sua nascença e crescimento. Uma vocação especial, com efeito, é uma planta rara que requer condições ambientais particulares. Como aquelas descritas pelo salmo 128: «Bem-aventurado aquele que teme ao Senhor e anda nos seus caminhos. Pois comerás do trabalho das tuas mãos, serás feliz e tudo te irá bem. A tua mulher será como a videira frutífera aos lados da tua casa; os teus filhos como plantas de oliveira à roda da tua mesa. Eis que assim será abençoado o homem que teme ao Senhor.»

O DESERTO, lugar da purificação

«O menino foi crescendo e fortificava-se em espírito, e viveu nos desertos até o dia em que se apresentou diante de Israel» (Lucas 1,80).

Não se pode viver eternamente numa estufa. A certa altura, a planta deve interagir com o seu mundo exterior, com o ar, o vento, o sol, a chuva... para poder crescer e desenvolver-se em todas as suas potencialidades. Terá, por isso, de enfrentar as intempéries, de resistir aos rigores do Inverno, de encarar o calor do estio...

João Baptista estabelece-se no deserto, porque ali encontra um ambiente espiritual que o prepararia para a sua missão. No deserto faz a experiência do profeta Elias e do povo de Israel durante a caminhada dos quarenta anos do êxodo. Depende totalmente da providência de Deus, contentando-se daquilo que oferece o deserto: gafanhotos e mel silvestre. Ali Deus lhe fala ao coração (Oseias 2,14) e o prepara a tornar-se sua Voz.

Assim acontece com todos os chamados. Sem a prova do deserto, da solidão, do silêncio, da austeridade, das dificuldades e das provas... não haverá vocação provada. À mínima dificuldade o sol definha-a, os espinhos sufocam-na.

Jesus não foi exceção. Com efeito, o evangelho de Lucas diz: «Jesus, cheio do Espírito Santo, voltou do Jordão e foi levado pelo Espírito ao deserto, onde, durante quarenta dias, foi tentado pelo Diabo. Não comeu nada durante esses dias e, ao fim deles, teve fome» (Lucas 4,1-2).

O RIO Jordão, lugar do apostolado e da missão

«Veio a palavra do Senhor no deserto a João, filho de Zacarias. Ele percorria toda a região do Jordão, pregando o baptismo de arrependimento para remissão dos pecados, como está escrito no livro das palavras do profeta Isaías: Uma voz clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas» (Lucas 3,2-4).

O deserto é também uma etapa em função da missão do profeta. João Baptista deixa o deserto para ir ao encontro das pessoas e levar-lhes a mensagem de que fora incumbido. Estabelece-se agora junto do Jordão, na fronteira entre o deserto e a terra. E o seu grito chega a todo o lado. As multidões acorrem ao Jordão para serem ali baptizadas. É como uma nova travessia do rio bíblico para ingressar no Reino, conduzidos pelo novo Josué que será Jesus, o Messias.

No rio Jordão, quando João baptiza Jesus, corre já «o rio da água da vida» dos últimos tempos: «Então o anjo me mostrou o rio da água da vida que, claro como cristal, fluía do trono de Deus e do Cordeiro, no meio da rua principal da cidade. De cada lado do rio estava a árvore da vida, que frutifica doze vezes por ano, uma por mês. As folhas da árvore servem para a cura das nações» (Apocalipse 22,1-2).

A PRISÃO, lugar do martírio e da fecundidade

«Naquele tempo, Herodes tinha mandado prender João e acorrentá-lo na prisão...» (Marcos 6,17-29).

Como para João Baptista, chega para todos também a etapa da prisão e do martírio. Porque «é necessário que Ele cresça, e que eu diminua» (João 3,30). É o momento supremo do testemunho do amor e da fecundidade apostólica.

Os «Herodes» podem ser muito variados: uma doença, a velhice, a perseguição, o fracasso... É importante aceitar «ser-se posto na prisão» e fazer entrar a luz do mistério pascal na nossa prisão.

Comboni dizia dos seus missionários que deveriam ser «pedras escondidas», enterradas no solo africano... É a condição indispensável para ser alicerce da construção que se erguerá sobre nós. Será então que a nossa vida e a nossa vocação serão verdadeiramente fecundas, como diz Jesus: «Se o grão de trigo que cai na terra não morre, ele fica só. Mas, se morre, produz muito fruto» (João 12,24).



Mulher do Evangelho

A Vocação de Maria



No coração do tempo do Advento que nos conduz ao Natal, no dia 8 de Dezembro, celebramos a Imaculada Conceição de Maria; o concebimento muito particular de uma vida com um destino singular. Com uma vocação única. Proponho que meditemos nela, a partir da narração de Lucas (1,26-38). O seu segredo permanece escondido no mistério de Deus. Mas o seu reflexo luminoso no tempo e na História é fonte inexaurível de riquezas que continua a fascinar a mente e a encher de doçura o coração dos crentes.

Em Maria Deus diz-nos: Não temas!

Maria é introduzida no mistério da sua vocação pelo anjo Gabriel: «Salve, ó cheia de graça, o Senhor está contigo!» Tal saudação faz sobressaltar o coração de Maria. O anjo tranquiliza-a: «Não temas, Maria: encontraste graça diante de Deus.» Quando Deus encontra o homem, a primeira palavra que lhe dirige é: «Não temas!...» Encontramos na Bíblia 369 vezes este convite tranquilizador de Deus. Uma vez por cada dia do ano, com algumas suplementares para momentos particulares!...

O medo paira como ameaça contínua nas nossas vidas. O medo radical da morte, com os seus mil tentáculos, segue-nos como uma sombra sinistra a cada passo. Impede-nos de apreciar a vida, de saborear os seus momentos bons. Acabamos por ter medo de tudo e de todos. Inclusive de Deus. Ou sobretudo de Deus! Resultado da imagem perversa de um «deus inimigo dos homens». O «Adversário» conseguiu insinuar no nosso subconsciente que Deus é um juiz implacável, uma espécie de espia onnipresente, o estraga-festas da nossa vida. Pobre Deus, que se vê continuamente temido, quando o seu desejo é de amar e ser amado!

Em Maria Deus faz-se Pequenino!

Deus procura entrar nas nossas vidas com pezinhos de lã, para conquistar a nossa confiança, de passarinhos amedrontados. Receado pela sua grandeza, foi-se retirando para nos deixar todo o espaço que queríamos. Mesmo assim não deixou de ser temido. Decidiu, por fim, tornar-se um de nós, pequeno e frágil, no seio de Maria. Quem teria medo de um menino? De um Deus criança, que chora e sorri, que se abandona nos nossos braços? Como é grande e surpreendente o mistério do Natal!...

Este é o facto mais surpreendente e singular dos anais religiosos da humanidade. Deus que renuncia ao seu poder para tornar-se um de nós, fraco e humilde, desarmado e impotente! Saber que Deus se fez «em tudo igual a nós» (Hebreus 4,15), que sofre connosco e como nós, de por si não dá uma «explicação» do mal mas é um potente reconforto, na medida em que nos assegura que Deus «está connosco».

Talvez passemos demasiado depressa da visão e adoração do Deus Menino ao Jesus adulto baptizado no Jordão. Teríamos necessidade de mais tempo para assimilar a «graça» do Natal. O olhar passa com excessiva celeridade da contemplação do sorriso de Jesus-criança à vida do Cristo-adulto, marcada pelo destino dramático da cruz. Havia que tomar todo o tempo necessário para saborear e interiorizar a sua fase infantil. Aliás, o Filho de Deus encarnou-se para «ficar» connosco. Ele «tem» todas as idades. Continua a ser o «Menino Jesus» e a renascer em cada criança. E a vocação maternal de Maria prolonga-se ao longo dos tempos: oferecer ao mundo o Filho de Deus Infante.

Natal: sonho etéreo?

Deus é uma criança à procura de berço no nosso coração. É de um Deus-Criança que o mundo continua a ter necessidade. Com efeito, não é fácil dissipar o obscuro temor de Deus que se apoderou da humanidade. E nós cristãos, por vezes, com a nossa «seriedade» acabamos por reavivar ainda mais tais medos e fazer uma má propaganda ao Deus amigo dos homens, condenado a ser o «papão» dos meninos.

Para vencer tal medo, muitos recorrem hoje a um novo estratagema: negar a existência de Deus! Ele não seria mais que um fantasma dos pesadelos da infância da humanidade! Pela mesma razão, o Natal quase desapareceu como «tempo religioso» para ser celebrado a nível comercial e social. Secularizado, no melhor dos casos tornou-se uma festa da família e das crianças. Uma ocasião para «fazer finta» que o mundo não é assim tão mau como se pinta. Por uns momentos, fechamos os olhos para sonhar um mundo encantador, bonito e fraternal! O festejado, o Menino de Deus, esse é ignorado. Continua a não haver lugar para Ele. Deus é condenado a ser o que é: invisível!... Naturalmente, depois da festa, ao abrirmos de novo os olhos, o sonho esvanece-se como uma bola de sabão. O regresso à realidade é ainda mais deprimente!...

Natal: tempo de Boa Nova!

Apesar de tudo, o tempo litúrgico de Advento e Natal continua a ser particularmente propício para proclamar a Boa Nova. Tal anúncio é confiado a três figuras,

cada uma com uma palavra-chave e uma atitude específica correspondente: Alegrai-vos com a promessa, convida-nos Isaías; Convertei-vos para preparar a sua vinda, grita João Baptista; Acolhei-o no vosso coração, sussurra-nos Maria.

Os três completam-se. Isaías com a sua erudição seduz a nossa mente e alimenta a nossa esperança. João Baptista inflama a nossa vontade e leva-a à decisão da conversão. Maria, com a sua presença discreta, toca as fibras mais profundas do nosso coração e faz nascer nele a ternura.

Qual dos três poderia ser o tipo de evangelizador adequado para o nosso tempo, para a nova evangelização a que somos convocados? Que modelo de apóstolo suscitaria menos resistências e recolheria mais êxito neste tipo de sociedade pós-moderna?

À procura de um novo tipo de missionário

Qual dos três escolher? O profeta Isaías? É sem dúvida um missionário cativante: com uma forte experiência de Deus, generoso (oferece-se voluntário como mensageiro divino: Isaías 6), versado nas Escrituras, culto, escritor e poeta refinado, personalidade forte (cap. 7), homem de elite, optimista e visionário (cap. 12), um profeta cujo influxo se prolongou durante séculos!...

Sem dúvida que a sua palavra erudita e iluminada, o seu ideal e mensagem reconfortantes continuam a ter impacto no nosso tempo. Há, porém, um senão: Isaías é um visionário que vem «de longe», sete séculos antes de Cristo. Não é uma «testemunha dos factos»!...

Passemos a João Baptista. As suas qualificações são diversas mas não menos importantes. Trata-se do «Precursor do Messias»! Uma vida marcada desde a sua concepção por um destino singular que suscita maravilha ao seu redor (Lc 1,62). Uma figura caracterizada pelo rigor ascético (Mc 1,6). Uma Voz profética forte que ressoa por toda a Palestina, atraindo discípulos e multidões! Uma testemunha que acaba por selar a sua missão com o martírio. «O maior dos filhos nascidos de mulher», dirá Jesus (Lc 7,28).

Sem dúvida que este homem de carácter rude e forte, que desafia as instâncias do poder corrompido, com uma voz profética que agita as consciências, encontrará sempre simpatizantes. Mas talvez não seja o tipo de evangelizador que procuramos. A estratégia de «choque» utilizada pelo Baptista deu muito fruto noutras épocas. Hoje parece encontrar escasso resultado. Por causa talvez de um uso exagerado feito por certos «pregadores de mau agoiro», em voga em alguns meios sectários. Depois do impacto inicial, tornam-se frequentemente objecto de troça!...

Com as Sandálias de Isaías e a Voz do Baptista

Sem ter de tecer a «litania» das qualificações de Maria, acho que Ela poderia ser a porta-voz deste trio escolhido por Deus para preparar os corações a acolher Seu Filho. Isaías poderia oferecer-lhe as suas sandálias de mensageiro e o Baptista ceder-lhe a sua voz de profeta. A Palavra encontraria nela agilidade e leveza, simplicidade e pureza, graciosidade e beleza. A jovem donzela Maria de Nazaré daria um novo fôlego ao anúncio da Boa Nova. Despojá-la-ia de tantos acessórios e atavios que acabam por fazer-lhe sombra. A Palavra recuperaria o seu esplendor e vitalidade. Libertá-la-ia da armadura inútil e paralisadora, com que se revestiu na luta contra os «Golias» do nosso tempo, que torna lento e pesado o seu passo e suscita não poucas reacções de desconfiança e resistência. A Palavra recuperaria a destreza, a confiança e a simpatia do jovem David!

Uma Donzela, oferecendo um Deus-Criança: eis a missionária ideal da nova evangelização. Percorrer de novo os caminhos do mundo com a ligeireza e a solícitude de um coração a quem o Amor deu asas (Is 40), para que o sorriso e a voz do seu filho cheguem a todo o lado.

Menino Jesus, não cresças!

Maria, oferece-nos o teu filho criança, que sorri para nós e se abandona com confiança nos nossos braços; que abre os nossos lábios ao sorriso e o coração à ternura; que desperta a criança adormecida em cada um de nós. Deste Deus Menino não temos nós medo. Mas que Ele não cresça! Eternamente Pequenininho! Crescere-

mos nós, contemplando nos seus olhos a eterna infância! Até que um dia, vencidos todos os medos, nele nos descobramos filhos! E então correremos ao encontro do Pai para nos lançarmos confiantes no seu infinito Abraço. Nele, felizes, repousaremos enfim, todos crianças!...



Uma Palavra para Todos

A vocação de José



São José é a figura-chave para compreender algumas das dimensões essenciais da vocação cristã. Eis quatro delas: proteger a vida, praticar a justiça, deixar que Deus seja o protagonista da nossa vida, cultivar a dimensão mística (Mateus 1, 18-25; 2, 1-23).

No coração da Quaresma, a 19 de Março, a Igreja celebra a festa de São José. Como a de Maria no período do Advento (8 de Dezembro, festa da Imaculada Conceição). Representado frequentemente como um venerando ancião de barbas e cabelos brancos, de olhar triste e distante, de semblante preocupado, curvado sob o peso do seu destino... dir-se-ia que espelha o humor de um certo «espírito quaresmal» de outros tempos!

Os valores que o caracterizam, silêncio, obediência e serviço, também não estão de moda. Não é de admirar pois que a devoção a este santo tenha vindo a declinar desde há um certo tempo. E isto não obstante a exortação apostólica de João Paulo II *Redemptoris Custos*, de 1989, considerada a «magna carta» da teologia de São José.

De todas as maneiras, São José é uma figura-chave para compreender algumas das dimensões essenciais da vocação cristã. Eis quatro delas: proteger a vida, praticar a justiça, deixar que Deus seja o protagonista da nossa vida, cultivar a dimensão mística.

Servidor da Vida

Modelo de PATERNIDADE – Em hebraico, o nome José significa «Deus acrescentante», «Deus te aumente». Uma vocação à fecundidade, à sobreabundância de vida, por conseguinte!

Descendente de David («filho de David»), originário de Nazaré, «carpinteiro» (tékton), uma profissão ligada à construção. Nos evangelhos é apresentado, por vezes, como o «esposo de Maria», coisa insólita porque geralmente era a esposa que pertencia ao marido. Mas também se diz de Maria que era «esposa de José» (Mateus 1,18) e que Jesus era o «filho do carpinteiro» (Mateus 13,55).

José antecipa e vive a palavra de Jesus que «um só é o nosso Pai» (Mateus 23,9). Encarna de uma maneira singular esta única paternidade divina (cf. Efésios 3,15). É pai sem exercer a paternidade carnal. Mas é pai para todos os efeitos, porque «ser pai é antes de mais ser servidor da vida e do seu crescimento» (Papa Bento XVI).

Como os antigos patriarcas, também ele recebe as comunicações de Deus através de sonhos, por três vezes. Sinal de uma vocação singular e de uma particular relação com Deus.

José é o último dos antigos patriarcas, mas o primeiro de uma nova geração, daqueles que «não nasceram do sangue, nem do impulso da carne, nem do desejo do homem, mas nasceram de Deus» (João 1,13).

Esta «paternidade» é uma dimensão da vocação cristã. Somos chamados, como José, a adotar e proteger a vida. Ser fecundos, viver ao serviço da vida, sem apossar-se dela, desprendidos. José nos ensina como se pode amar sem «possuir» as pessoas.

A paternidade/maternidade é um valor que urge descobrir hoje, numa sociedade de «vagabundagem de experiências», rica em «filhos pródigos» mas pobre de «pais» e «mães» capazes de esperar pacientemente em casa para abraçar tais filhos quando eles regressarem, desiludidos da vida e famintos de amor. Tantas vezes encontram a casa vazia, sem ninguém à espera deles!...

Saber «ajustar-se»

Modelo de JUSTIÇA – O evangelho define José um «homem justo» (Mateus 1,19). Justo porque, sendo «fiel», «ajusta» a sua vida de acordo com a Palavra do seu Senhor. Mas também porque, sendo «sábio», é capaz de «ajustar-se» à realidade. Com efeito, quando se dá conta que Maria está grávida, a sua primeira reacção é a de cumprir a Lei (repudiando Maria), mas decide fazê-lo em segredo. Introduce assim um elemento novo, de prudência e sabedoria. Mantém a sua confiança em Maria. Não se deixa levar pela «suspeita». Porquê? Porque há nele «uma longa frequência da escuta de uma outra palavra que o toca e penetra» (Frédérique Oltra, carmelita).

Sendo «justo», ele é o «administrador sábio e fiel que o Senhor coloca à frente do pessoal de sua casa» (Lucas 12,42). José sabe que é «servo» e que deve servir bem. Não basta a boa vontade. Por isso o texto bíblico fala de um homem «sábio e fiel» (Mateus 24,45). «A inteligência sem a fidelidade e a fidelidade sem inteligên-

cia são insuficientes» para assumir a responsabilidade que Deus nos confia (Bento XVI).

Praticar a justiça faz parte da nossa vocação. Ser «justos», como José. Uma justiça que nos leva a adoptar um comportamento «justo» e a ocupar o lugar «justo» na vida, o do serviço. Uma justiça iluminada pelo amor, «o cumprimento perfeito da Lei» (Romanos 13,10). Um bem que também escasseia hoje. Fala-se muito de justiça, mas faltam «homens justos».

Ficar fora da fotografia

Modelo de DISCRIÇÃO – José é um homem discreto, uma pessoa reservada. Sempre «fora da fotografia», como comenta, com certa graça, um autor: «Duas irmãs folheavam o novo livro de religião, quando vêem uma pintura da Virgem Maria com o Menino Jesus. – Olha – diz a maior –, este é Jesus, e esta é sua mãe. – E onde está o pai? – pergunta a mais pequenina. A irmã pensou por um momento e então exclamou: – Ah, ele tira a fotografia.»

Homem do silêncio, os factos falam por si. Homem da obediência, o Evangelho sublinha o perfeito cumprimento das disposições que lhe são comunicadas pelo anjo em sonho (Mateus 1,24). Como diz o Cântico dos Cânticos: enquanto dorme, o seu coração permanece vigilante (5,2).

Esquecido de si mesmo, vive para «o menino e sua mãe» (Mateus 2,13.19). Como João Baptista, considera que é bom que ele mesmo diminua e que eles cresçam. A sua vida pertence-lhes totalmente. E assim, a certo ponto «desaparece»... para não fazer sombra ao filho!

Cada um de nós é chamado a seguir este testemunho. Discretos como José, pondo a nossa vida ao serviço da missão de Cristo. Saber pôr-se de lado, retirar-se atrás dos bastidores. Não é coisa fácil nem evidente. Vivemos numa sociedade que privilegia a «realização pessoal» e o protagonismo. Desde pequenos, concebemos o nosso próprio projecto de vida, o que queremos ser «quando formos grandes». A vocação implica renunciar a tal sonho humano (como José com Maria) para abraçar o divino. Saber eclipsar-se para que o projecto de Deus se realize em nós!

Habitar o mistério

Modelo de CONTEMPLAÇÃO – José é o santo do silêncio, um que não fala nunca. Mas um silêncio rico e profundo, que nos desafia. Porquê este silêncio? Porque José vive no mistério! Não se trata de uma questão de palavras, mas de atitude de vida, de toda a sua pessoa.

Diante do facto inesperado – para ele incompreensível e «misterioso» – de Maria grávida, José pensa em retirar-se, silenciosamente. É a palavra do anjo: «não tenhas medo de receber Maria como esposa, porque ela concebeu pela acção do Espírito Santo» (Mateus 1,20) que introduz José no mistério, como Gabriel fizera com Maria.

Esta palavra não elimina o mistério, não explica o que realmente aconteceu, nem como. Esta palavra introduz José no mistério que já absorvera Maria. José não está mais na frente do mistério mas dentro. Não é como o povo de Israel em frente da nuvem no deserto, entra dentro da nuvem, como Moisés ou como os três apóstolos no monte Tabor» (teólogo Borel).

Antes estava «fora» do mistério, de frente a ele, e por isso duvidava e tinha medo. Depois deixa-se conduzir por ele, como Maria após o seu «fiat». «Agora», dentro «do mistério, mesmo sem compreendê-lo, não o pode negar.

Entrar» no mistério de Deus é a dimensão essencial de toda a vocação. Esta requer a disponibilidade a deixar-se «introduzir» nele. Sem isso, o vocacionado fica «de fora» e não encontrará as motivações para viver à altura da sua vocação. Será, na melhor das hipóteses, um «bom funcionário» ou um «mercenário», e no pior dos casos um «parasitário» ou «servo infiel» (Lucas 12, 46).

Em conclusão, José não é certamente o homem retratado por uma certa iconografia. Envolvido pelo mistério, no seio de uma família que amou e o amava, identificado com a sua vocação de protector do Autor da Vida, exercendo com competência a sua profissão... foi e é homem feliz!



Generosidade e Franqueza

A Vocação de Pedro

No dia 29 de Junho, celebramos a solenidade de São Pedro e São Paulo. Uma boa ocasião para visitar a vocação do apóstolo por excelência. Embora conheçamos bem S. Pedro, a sua figura exerce sempre uma fascinação especial. É o grande Pedro, o homem entusiasta e generoso que conheceu também a nossa fraqueza e pequenez!... (Mateus 5, 1-11).

Quando penso em Pedro, vem-me ao pensamento o que diz o livro dos Actos dos Apóstolos a propósito da sua... sombra! A população de Jerusalém e das redondezas trazia os doentes para a rua, deitados em leitos e catres, na esperança de que, ao passar Pedro, pelo menos a sua sombra os cobrisse e fossem curados (Actos 5,15).

Sombra misteriosa

Que há de mais discreto e subtil, humilde e silencioso que uma sombra? Mas a de Pedro era particularmente viva e operosa... Uma sombra misteriosa que deixava atrás dele um rastro de luz e de vida! Sombra benfazeja e luminosa que, por onde passava, fazia dançar de alegria a humanidade sofredora!... Faz lembrar Jesus que «passara fazendo o bem e curando a todos» (Actos 10,38).

Sim, aquela era sem dúvida a «Sombra de Jesus»! Não existe sombra sem luz. O Sol de Cristo iluminava Pedro, envolvia toda a sua vida, acompanhava cada um

dos seus passos, fecundava e ampliava a sua acção. Era Jesus que se escondia na sombra do seu amigo predilecto.

Esta sombra, porém, tem uma longa história, que se entrevê nas pregas das páginas do Evangelho. Sigamo-la, pois ela terá muita coisa para contar!...

Sombra de Jesus

Tudo começara pouco mais de três anos antes, talvez durante uma peregrinação a Jerusalém. Fazendo o trajecto que seguia o percurso do rio Jordão, Pedro e outros amigos terão aproveitado para ouvir a «Voz» vinda do deserto. Aliás parece que seu irmão André fosse seu simpatizante. Foi lá precisamente que conheceram Jesus. Descera também ele ao Jordão, seguindo um apelo interior que o atraía àquele lugar em que ressoava fortemente a Palavra profética do Baptista. André foi o primeiro a encontrar-se com Jesus. Fascinado e convencido de ter descoberto o Messias, quis partilhar a grande notícia com o irmão. Foi um encontro fulminante! Jesus fitou Pedro nos olhos, chamou-o pelo seu nome de Simão e, olhando para a sua solidez, deu-lhe um novo nome: Pedro, a Rocha (João 1,40-42)!

Foi o princípio de uma grande amizade. Jesus tornou-se amigo de casa (Marcos 1,29). Depois, um dia «o filho do carpinteiro» surpreendeu «Simão o pescador» com uma pesca milagrosa que o fez cair a seus pés, confessando-se pecador (Lucas 5,1-11). E começou então a sua grande e empolgante aventura de discípulo do «profeta de Nazaré». O grande Sonho de Israel estava para se concretizar. Jesus falava da chegada do Reino de Deus. Os sinais portentosos que fazia, a sua Palavra cheia de autoridade que arrebatava as multidões (Marcos 1,27) faziam crescer as expectativas sobre Jesus.

Pedro tornou-se o chefe do grupo, o homem de confiança do Mestre, colado a ele como a sua sombra. Associando-o de uma maneira singular à sua missão, Jesus conferiu-lhe os seus poderes, confiando-lhe até «as chaves do reino dos céus» (Mateus 16,19). Nos evangelhos sinópticos (Mateus, Marcos e Lucas), Pedro aparece como o discípulo e apóstolo preferido de Jesus.

Sombra tenebrosa

A certa altura, porém, qualquer coisa começou a não bater certo. Jesus resistia às multidões que queriam aclamá-lo rei. As exigências que punha aos seus seguidores afastaram um bom número deles. Depois veio o inesperado: Jesus dizia que tinha de ir a Jerusalém, onde o esperava muito sofrimento e a morte, para «ressuscitar ao terceiro dia». O grupo dos Doze sentiu-se confuso e meio perdido. Pedro viu-se na obrigação de intervir para afastar semelhante sombra! A reacção de Jesus, porém, foi inesperada e severa: «sai da minha frente, Satanás, que tu és para mim pedra de tropeço!» (Marcos 8,31-33).

Pedro ficou pasmado, humilhado e triste. Pedro... «pedra» de tropeço?! De repente a sua sombra tornara-se «sinistra» para Jesus?! Que acontecera? Pedro pensava «proteger» o Mestre pondo-se à sua frente, mas esquecera-se que era a sua «sombra», e por isso deveria seguir atrás. Aquele «meter-se à frente no seu caminho» obscurecia o Plano do Pai e recordara a Jesus o tentador que procurara cobri-lo com a sua lúgubre e tenebrosa sombra.

A caminhada para Jerusalém foi dura para todos (Marcos 10,32). A experiência privilegiada de contemplar Jesus transfigurado e de ser «coberto com a sombra da nuvem luminosa» (Marcos 9,7) dissipou um pouco o véu de tristeza que se apoderara do coração de Pedro.

Mas depois aconteceu a acolhida memorável em Jerusalém. Os apóstolos respiraram de alívio e gritavam a plenos pulmões com a multidão dos peregrinos galileus: Hossana! Bendito o Reino que vem! (Marcos 11,9-10). Porém, não fizeram as contas com a determinação dos chefes da nação judaica que tinham decidido a morte de Jesus. Tudo se precipitou quando Judas lhes ofereceu uma ocasião inesperada para lhe deitar as mãos discretamente: durante a noite, em lugar solitário, longe das multidões, sem defesa...

Na sua última ceia, Jesus anunciou que a sua hora estava próxima. A nuvem de tristeza e inquietação desceu novamente sobre o grupo. Pedro, que recuperara a sua autoconfiança, inflamado de zelo, declarou-se pronto a lutar para defender Jesus, disposto a sacrificar a sua vida ou a morrer com ele. A «sombra» ficaria colada ao Mestre, mesmo na noite! Mas quando Jesus, com um sorriso triste, predisse

que todos o abandonariam e que Pedro o renegaria três vezes antes do cantar do galo (João 13,36-38), de novo aquele espectro tenebroso se apoderou furtivamente do coração de Pedro, gelando o seu entusiasmo. O Mestre duvidaria da sua amizade e fidelidade?!

Sombra paralisante

Em seguida, aconteceu o que todos nós já sabemos. Um Pedro inseguro e mal destro ainda tenta defender o Mestre à espada (João 18,10-11) mas acaba por fugir como todos os demais. Chega depois o momento fatídico em volta da fogueira, no campo inimigo. Aquele fogo, povoando a noite de fantasmas, projecta no coração de Pedro a sombra paralisante do medo, uma sombra que não é a do Mestre: «Não conheço esse homem» (Lucas 22,56). É o olhar de Jesus que o desperta, de repente, do seu torpor. Ouve então o galo cantar, lembra-se das palavras de Jesus... «e saindo para fora, chora amargamente» (Lucas 22,62).

Assim se desmoronava tragicamente o grande sonho de «libertar Israel» (Lucas 24,21). Aquela Páscoa que deveria celebrar a tão ansiada libertação, tornou-se um pesadelo: o mal vencera mais uma vez e a tirania dos «Faraós» continuava triunfante. Os sonhos fracassaram e o mundo seguia igual! Talvez nunca chegaria a mudar!...

Sombra luminosa

Jesus ressuscitado vai à procura do seu rebanho disperso (Marcos 14,27). Com uma atenção particular irá libertar Pedro da «sombra paralisante» que ensombreceria fatalmente o seu coração e o seu ministério. Jesus procede de uma maneira tão elegante quanto discreta. Num momento de intimidade, à volta do fogo matinal, leva Pedro a confessar, por três vezes, a sua amizade e reconfirma-o, também por três vezes, no seu ministério. A «terceira vez» desperta a sombra da tristeza encovada no coração de Pedro mas tem um efeito terapêutico eficaz: «Senhor, tu sabes tudo, tu sabes que eu sou teu amigo!» (João 21,17). E Jesus, que apenas dias antes lhe dissera que não podia «seguir-lo» de imediato, agora convida-o a fazê-lo,

com um solene **SEGUE-ME!** Mais ainda, anuncia-lhe que partilhará o seu mesmo destino e martírio (João 21,19). Pedro será de novo a sombra fiel de Jesus! Crucificado, a seu tempo, como ele, pedirá para ser voltado de cabeça para baixo, de maneira a ser simplesmente a «sombra» do Mestre na cruz.

Pergunto-me: como pôde Pedro conviver serenamente com aquela sombra do seu martírio, que pairaria sobre qualquer um de nós como uma ameaça contínua? Só a sua grande amizade e a identificação com Jesus poderia dar um aspecto luminoso àquela «sombra». Era a do Mestre (1 Pedro 2,21). Eis porque ela operava os seus mesmos prodígios (Marcos 6,56), fazendo o bem por onde passava!...

E a nossa sombra?

Como Pedro fomos chamados – pelo baptismo – a deixar-nos iluminar pela Luz de Cristo: «Desperta, ó tu que dormes, levanta-te de entre os mortos, e Cristo te iluminará» (Efésios 5,14). Ele expulsará as «sombras tenebrosas» dos «demónios» e as «sombras paralisantes» dos «fantasmas» que se ocultam no nosso coração.

Como Pedro somos convidados – por vocação – a viver à «sombra do Senhor»: «O Senhor é quem te guarda; o Senhor é a tua sombra à tua direita» (Salmo 121,5). Uma sombra refrigério, protectora, amiga e, ao mesmo tempo, discreta, que abraça sem asfixiar. Não é como a de Alexandre Magno que tapava o sol a Diógenes. Quem não vive à sombra do Senhor facilmente será vítima de sombras maléficas e tirânicas como a do espinheiro de Abimelech (Juízes 9,15).

Como Pedro somos chamados – como missão – a ser a «Sombra de Jesus», uma sombra benfazeja, oferecendo abrigo e protecção, «como a sombra de uma grande rocha em terra sedenta» (Isaías 32,2), como a macieira, a cuja sombra desejada se senta a Esposa (Cântico 2,3). Há tanta gente que se sente desamparada, debaixo do sol abrasador da fome e da injustiça, da angústia e da solidão... Não serão os grandes discursos ou as acções aparatosas que comunicarão conforto e esperança a quem sofre mas a sombra discreta e amiga da pessoa que se põe a seu lado. Esta sombra consoladora é habitada pelo Espírito, preta de fecundidade como a que cobriu a Virgem Maria (Lucas 1,35). Que o Senhor nos conceda sermos a sua sombra bendita!...

Concluindo, é o caso de nos perguntarmos: como é a nossa sombra? Que anda ela a fazer atrás de nós? Convém, de vez em quando, dar-lhe uma olhadela furtiva, de maneira a surpreendê-la em acção. Anda ela a semear o bem ou a desfazer por detrás o que nós tentamos fazer pela frente? É ela luminosa, projecção de Cristo ressuscitado? Ou, pelo contrário, obscurecida pela nuvem tenebrosa do egoísmo ou da avidez do lucro, da sede de poder, da escravidão do prazer?!... Todos sabemos, por experiência, quão terríveis são tais sombras. Nada cresce ao lado delas. Nós, missionários, pudemos comprovar, tantas vezes, como elas são autênticos monstros que, com os seus numerosos tentáculos, sugam continuamente o sangue dos pobres e dos fracos, semeiam escravidão e morte à sua volta, fazendo definhar populações inteiras.

Olha para o rastro deixado pela tua sombra e saberás se o Sol de Cristo ilumina a tua vida, ou se diante de ti se abre um voraz «buraco negro» que devora irremediavelmente qualquer réstia de Luz!



Um Apóstolo e o seu Misterioso Gémeo

A Vocação de Tomé

No dia 3 de Julho, celebramos a festa de São Tomé. Um apóstolo popular, famoso pela sua proverbial incredulidade. Que de certa maneira o torna... simpático, próximo a nós, uma figura «actual» (João 20, 19-29).

Pouco ou nada sabemos das suas origens. Talvez fosse pescador no lago da Galileia (cf. João 21,2). O que dele sabemos vem sobretudo do Evangelho de São João. Nos sinópticos aparece só na lista dos doze apóstolos (Mateus 10,3; Marcos 3,18; Lucas 6,15).

O seu nome, Tomé ou Tomás, significa «duplo» ou «gémeo» (da raiz hebraica Ta'am, em grego Dídimos). Tomé tem um lugar de relevo entre os apóstolos. Talvez por isso lhe fossem atribuídos os Actos e o Evangelho de Tomé, apócrifos do iv século, «importantes para o estudo das origens cristãs» (Bento XVI, 27.9.2006).

Tomé, um novo Jonas?

Segundo a tradição, Tomé teria sido o primeiro a levar o Evangelho à Índia. Os cristãos do Estado de Kerala (costa de Malabar, na Índia Meridional) refazem-se à sua pregação. São os «cristãos de São Tomé», que os Portugueses encontraram ao chegar à Índia.

O livro dos Actos de Tomé descreve o seu envio em missão de um modo singular (n.os 1-2). Quando os apóstolos subdividiram as regiões do mundo a evangeli-

zar, a Índia tocou em sorte a Tomé. Este, porém, não queria partir para lá. Jesus apareceu-lhe em sonhos, encorajando-o: «Não temas, Tomé. A minha graça te acompanhará.» Mas nada feito: nem sequer Jesus conseguiu demovê-lo! «Manda-me a qualquer outra parte, Senhor. É só à Índia que não quero ir!» Pois bem, no dia seguinte, Jesus... vendeu-o como escravo a um comerciante navegador indiano, à procura de um construtor (S. Tomé é padroeiro dos arquitectos!) e, contra a sua vontade, lá teve de embarcar para a Índia!...

Tomé, no Evangelho de João

Tomé aparece quatro vezes no Evangelho de João. O seu nome é um dos mais mencionados entre os apóstolos.

A sua primeira intervenção manifesta a disponibilidade em seguir Jesus até à morte, quando este decide regressar à Judeia depois da morte de Lázaro, embora os judeus o procurassem para o matar. Perante a firmeza de Jesus, Tomé incita o grupo a acompanhá-lo: «Vamos também nós para morrer com ele» (João 11,16). Aparece aqui um Tomé generoso, decidido a partilhar a sorte do Mestre.

A segunda intervenção dá-se durante a última ceia. Jesus diz que vai preparar-lhes um lugar e comenta que os apóstolos já conhecem o caminho para onde ele vai. Tomé, sempre pronto a seguir Jesus mas homem pragmático, exclama: «Não sabemos sequer para onde vais, como podemos saber o caminho?» (João 14,5). A reacção de Tomé valeu-nos a famosa síntese de Jesus sobre a sua identidade: «Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida» (14,6).

A terceira intervenção é a que vai «estigmatizar» Tomé como «incrédulo» e teimoso. Não se contenta com uma notícia de «segunda mão» mas exige «ver» e «tocar» as chagas do Crucificado. Jesus condescende a fazer uma segunda visita ao grupo no cenáculo, exclusivamente destinada a Tomé, dado que na primeira aparição tinha já feito o envio missionário e dado o Espírito (20,19-23). Diante do Mestre, Tomé proclama a «mais sublime profissão de fé de todo o Novo Testamento» (Bento XVI): «Meu Senhor e meu Deus!» (20,28). E Jesus proclama a última bem-aventurança: «Felizes os que acreditam sem ter visto» (20,29).

Na quarta intervenção apenas se menciona o seu nome, na lista dos sete que vão pescar com Pedro (João 21,2). Apareceu ao lado deste, outro sinal da importância que lhe é atribuída.

Tomé, gémeo de Jesus?

O nome de Tomé, «duplo» ou «gémeo», é particularmente significativo. O Evangelho de João sublinha-o por três vezes (11,16; 20,24; 21,2). O facto de ser gémeo não lhe deu somente o «nome», mas «etiquetou-o» também na sua vida de discípulo e apóstolo.

O livro apócrifo dos Actos de Tomé (que relata num modo pitoresco o apostolado de Tomé, aliás «Judas Tomé») conta que, certa vez, Jesus aparece apresentando-se como seu «irmão» (n.º 11). Mais adiante, pela boca de um jumento (parente da mula de Balaão! Números 22,28), Tomé é dito «irmão gémeo de Cristo» (n.º 39).

Trata-se de uma maneira de sublinhar a relação de intimidade entre Jesus e este apóstolo. Com efeito, de «servos» Jesus passa a chamar os seus discípulos de «amigos» (João 15,15) e, depois da ressurreição, de «irmãos» (20,17). A categoria de «gémeo» (espiritual) acrescenta uma ulterior marca de comunhão com Cristo.

Tomé, nosso gémeo?

Os gémeos são desde sempre um fenómeno humano que desperta a curiosidade e atira o imaginário colectivo. Também nós gostaríamos de saber de quem é gémeo Tomé. A meu ver, poderia ser Natanael (Bartolomeu). Com efeito, a última profissão de fé de Tomé aparece em correspondência com a primeira feita por Natanael no início do evangelho (João 1,45-51). Além disso, carácter e comportamento são surpreendentemente semelhantes. Por último, os dois nomes aparecem relativamente próximos na lista dos Doze (vd. Mateus 10,3 e Actos 1,13).

Esta incógnita dá espaço para dizer que Tomé é «o gémeo de cada um de nós» (D. Tonino Bello). Tomé conforta-nos nas nossas dúvidas de crentes. Nele nos senti-

mos espelhados e, através dos seus olhos e das suas mãos, também nós «vimos» e «tocámos» o corpo do Ressuscitado. Uma interpretação que tem o seu fascínio!...

Tomé, um «duplo»?

Na Bíblia a cópia de gémeos mais famosa é a de Esaú e Jacob (Génese 25,24-28), eternos antagonistas, expressão da dicotomia e polaridade da condição humana.

Não será que Tomé (o «duplo») leva dentro de si esta dualidade antagónica? Capaz, por vezes, de gestos de grande generosidade e ousadia, manifesta-se, outras vezes, incrédulo e obstinado. Mas, confrontado com o Mestre, emerge de novo a sua identidade profunda de crente que proclama a fé com convicção e prontidão.

Tomé leva dentro o seu «gémeo». O apócrifo Evangelho de Tomé sublinha esta duplicidade: «Antes éreis um, mas tornastes-vos dois» (n.º 11). «Jesus disse: Quando de dois fareis um, então tornar-vos-eis filhos de Adão» (n.º 105).

Tomé é figura de todos nós. Também nós levamos dentro esse «gémeo» inflexível e renitente nas suas ideias, obstinado e caprichoso nas suas atitudes. Estamos divididos interiormente.

São Paulo reflectiu sobre esta realidade humana de «duplicidade». Também ele, que parecia feito de uma só peça, a experimentou: «Realmente, não consigo entender o que faço; pois não pratico o que quero, mas faço o que detesto» (Romanos 7,15). Paulo identificou a identidade dos dois «gémeos» que nos habitam. Um é herança do «antigo Adão». O segundo é da estirpe do «novo Adão», Jesus Cristo, a nova criatura que recebemos no Baptismo.

Estas duas realidades ou «criaturas» convivem mal, em contraste, por vezes em guerra aberta, no nosso coração, comprometendo a nossa identidade pessoal e a nossa serenidade interior. Quem não experimentou o sofrimento desta dilaceração interior?

Ora, Tomé tem a coragem de enfrentar essa realidade. Deixa que se manifeste o seu lado sombrio, adverso e «incrédulo», e leva-o a confrontar-se com Jesus. Acei-

ta o desafio lançado pelo seu «rebelde» interior que exige ver e tocar... Condu-lo a Jesus. E, diante da evidência, o «milagre» acontece: os «dois» Tomés tornam-se «um» e proclamam a mesma fé: «Meu Senhor e meu Deus!»

Infelizmente, não é isso o que acontece connosco. As nossas comunidades cristãs são frequentadas quase exclusivamente por «gémeos» bons e submissos mas também... passivos e amorfos! Falta genica àqueles corpos! É que não estão lá «inteiros». A parte energética, instintiva, a que necessitaria de ser evangelizada, não comparece ao «encontro». Jesus disse que veio para os pecadores, mas as nossas igrejas são frequentadas por «justos» que... não sentem a necessidade de se converter! Quem deveria converter-se, o outro gémeo, o «pecador», deixamo-lo tranquilamente em casa. É domingo, aproveita para «descansar» e confia o dia ao «mano bom». Na segunda-feira, o gémeo dos instintos e paixões estará em plena forma para retomar o comando!...

Jesus à procura de Tomé!

Tomara Jesus muitos Tomé!... Na celebração dominical é sobretudo deles que o Senhor vem à procura!... Serão esses os seus «gémeos»!

Deus busca homens e mulheres «reais», que se relacionem com Ele como são: pecadores, que «sofrem» na própria carne a tirania dos instintos. Crentes que não se envergonham de comparecer com essa parte incrédula e resistente à graça. Que não vêm para fazer uma boa figura na «assembleia dos crentes» mas para se encontrar com o Médico divino e ser curados. É deles que Jesus se faz irmão!

O mundo precisa do testemunho de crentes honestos, capazes de reconhecer os próprios erros, dúvidas e dificuldades, que não escondem a própria «duplicidade» atrás de uma fachada de «respeitabilidade» farisaica!

A missão também tem necessidade de apóstolos que sejam pessoas autênticas, e não de «pescoço torcido»!... De missionários que olham de caras a realidade do sofrimento e tocam com a própria mão as chagas dos crucificados de hoje!... Capazes de indignar-se diante da injustiça, de afrontar o mal à luz da fé, mas também

com a força e a determinação próprias de uma pessoa «inteira» que reage de cabeça e coração, de alma e «de instinto».

Tomé convida-nos a reconciliar a nossa duplicidade para renascer e entrar no Reino! Palavra de Jesus, segundo o... «Evangelho de Tomé»! (n.º 22): «Jesus viu alguns bebés que mamavam. Disse então aos seus discípulos: “Esses pequeninos que mamam são como aqueles que entram no Reino.” E eles disseram-lhe: “Então, vamos entrar no Reino como bebés?” Jesus disse-lhes: “Quando fizerdes de dois um e quando tornardes o interior como o exterior e o exterior como o interior, a parte de cima como a de baixo, e fizerdes do homem e da mulher uma só coisa, de modo que o homem não seja homem e a mulher não seja mulher, quando tiverdes olhos no lugar dos olhos, mãos no lugar das mãos, pés no lugar dos pés, e cara no lugar da cara, então entrareis no Reino!”»



Um Homem para o Tempo Presente A Vocação de Mateus

A festa de São Mateus celebra-se, desde remota data, no dia 21 de Setembro, introduzindo a estação do Outono. Esta ocorrência, particularmente em algumas regiões da Europa Central, é acompanhada por festas folclóricas, sagras e feiras campestres de carácter ritual para marcar a mudança de estação. A sua vocação para formar parte do grupo dos Doze causa um certo estuor, dada a sua condição social e religiosa, mas este carácter singular faz dele uma figura actual (Mateus 9, 9-13).

O Outono, tão rico de tonalidades de cores e de frutos, é um período de serena transição à época invernal que, pelo contrário, mergulha a Natureza e os homens numa fase de pausa, propícia à reflexão sobre o sentido profundo da existência. Na vida social, porém, entramos num novo ano que qualificamos, segundo as circunstâncias, de lectivo, pastoral, laboral ou simplesmente de actividades. É um recomeçar, sempre de novo, excitante pela novidade que, porém, bem depressa desliza no tédio da monotonia dos dias e sobretudo do peso da responsabilidade da vida.

São Mateus com o seu «patrocínio» sobre esta nova «estação» pode oferecer-nos uma palavra e um testemunho estimulante para entrar, serenos e optimistas, nesta nova fase estacional da nossa vida, até para lutar contra o sentimento de pessimismo a que certos negrões da crise social ou doutras crises mais pessoais nos podem induzir!...

O HOMEM: pessoa pouco recomendável

Quando estamos habituados a ouvir o nome de uma pessoa e a lidar com ela (neste caso através do seu evangelho), podemos ficar surpreendidos ao darmos-nos conta de que pouco ou nada sabemos de tal pessoa. Da sua vida pessoal, das suas origens, da sua história, das suas lutas, lágrimas e alegrias mais íntimas. Este poderia ser o caso de Mateus.

Quanto ao nome, é chamado Levi no evangelho de Marcos e de Lucas, filho de Alfeu (Marcos 2,14), e Mateus no seu evangelho (e nos Actos 1,13), forma grecizada do nome aramaico Mathai, que significa provavelmente «dom de Deus». Esta duplicidade de nome Levi-Mateus não causa problema. Basta recordar o caso de Simão-Pedro e Saulo-Paulo.

Quanto às origens, parece ser de Cafarnaum (Mateus 9,9), um pequeno centro de certa importância junto do lago da Galileia.

Quanto à profissão, todos estão de acordo que era publicano, ou seja, cobrador de impostos. Um trabalho próspero mas assaz impopular, seja pelo contacto com o inimigo opressor (os Romanos), seja pelo carácter próprio da profissão, desde sempre odiada, por óbvios motivos. O cobrador comprava dos Romanos, por contrato, o direito de cobrar directamente os impostos sobre a mercadoria em trânsito. O que dava amplo espaço à injustiça, abuso e corrupção.

Além da narração da sua vocação e da caminhada feita em conjunto com o grupo dos Doze, pouco mais sabemos. Segundo a tradição, teria evangelizado na Pérsia e, mais provavelmente, na Etiópia, onde teria sido martirizado.

O DISCÍPULO: uma vocação surpresa

A vocação de Levi-Mateus aparece na segunda onda de chamamentos feitos por Jesus, depois de Pedro e André, Tiago e João, Filipe e Bartolomeu. Por isso o seu nome aparece no início da segunda metade da lista dos Doze, no 7.º ou 8.º lugar.

O evangelho de Mateus descreve esta vocação num só versículo: «Jesus viu um homem chamado Mateus, sentado na colectoria de impostos, e disse-lhe: Segue-me. Este, levantando-se, seguiu-o» (9,9).

Este chamamento terá constituído uma surpresa para todos, e antes de mais para Mateus. O famoso quadro de Caravaggio (que se encontra em Roma, na Igreja de S. Luís dos Franceses, de 1600) expressa bem este particular. Jesus entra inesperadamente no local em que Mateus se encontra sentado à mesa com outros colegas de ofício. Com o braço estendido e o dedo indicador apontando para ele, Jesus chama-o. Com a mão direita contando o dinheiro, Mateus parece apontar com a esquerda para si mesmo, como perguntando: EU? E Pedro parece confirmar: – Sim, tu, tu mesmo!

Caravaggio revela nesta pintura o seu grande génio artístico, que não se limita a representar o relato evangélico mas relê-o adaptando-o aos seus/nossos tempos, revolucionando as regras da iconografia. As cinco personagens à volta da mesa são retratadas com vestes «modernas» e luxuosas, enquanto Jesus e Pedro com vestes humildes do passado. O encontro passa-se algures num lugar (taberna ou pátio?) imerso na penumbra que é rompida por um fecho de luz vindo do «alto», do lado em que Jesus entra em cena, acompanhado por Pedro. A tela colhe o «átimo» da vocação, à luz daquele flash luminoso improvisado. O gesto da mão de Cristo é tomado do famoso fresco da criação de Adão, de Miguel Ângelo na Capela Sistina. Caravaggio quer assim indicar Jesus como novo Adão e a vocação como uma nova criação. Pedro, situado em frente de Jesus, repete o mesmo gesto, embora com menos determinação, a indicar o papel mediador da Igreja.

Mas no quadro de Caravaggio, QUEM é Mateus em realidade? Não se identifica facilmente. Aliás continua a ser uma questão controversa. Talvez Caravaggio tenha querido criar uma certa ambiguidade ou uma espécie de suspense. A qual dos cinco se dirigia aquele imperativo SEGUE-ME? Embora tenha percutido os ouvidos de todos, tal apelo encontra um «eco» diverso em cada um deles: surpresa, curiosidade, perplexidade, indiferença, inquietação...

Recentemente foi apresentada uma nova interpretação da tela. Mateus não seria a personagem barbuda e meio calva, no meio do grupo, como geralmente se

pensava, mas o jovem cabeludo, na extremidade esquerda do quadro, inclinado sobre a mesa, centrando a sua atenção atentamente nas moedas que lhe eram entregues. Neste caso, a personagem do centro estaria apontando para este jovem, talvez com certo estupor, escandalizado: Quem? Levi, este publicano pecador?

Assim sendo, aquele que parecia o mais afastado física e espiritualmente, onde as condições da vocação eram quase nulas, é em realidade o destinatário daquela luz e do indicador de Jesus. Aliás, pergunto-me se o reclinar-se sobre a mesa e o dinheiro, ignorando ao que parece a presença de Jesus, não seria uma tentativa de Mateus de ignorar a chamada, ou então um momento intenso e decisivo de reflexão.

Esta nova «identidade» de Mateus sublinharia ainda mais a gratuidade e imprevisibilidade do Espírito que «sopra onde quer». Talvez uma advertência para a Igreja que tende a reduzir cada vez mais os espaços ou ambientes onde semeia a Palavra e vai «pescar» os seus pastores. Deus também trabalha fora das nossas fronteiras. A «promoção vocacional» deve respirar abertura, confiança e optimismo! A vocação de Mateus é um caso eloquente para a «estação» que vive o mundo actual.

O APÓSTOLO: testemunha do evangelho

Mateus escreveu o seu evangelho a pensar particularmente nas comunidades da Palestina. Ele é o escriba do Reino que tira do seu tesouro «coisas novas e velhas» (13,52). O seu evangelho apresenta Jesus como novo Moisés que vem cumprir a Lei (5,17), mas oferece-nos também as «bem-aventuranças» (5,1-12) e apresenta o amor como critério supremo no julgamento final (25,31-46).

Embora fortemente enraizado na tradição judaica, Mateus não deixa de sublinhar as consequências dramáticas da recusa do Messias pelo povo de Israel (21,33-42), que será substituído pelos pobres recolhidos nas encruzilhadas e caminhos do mundo. É também o único a mencionar a actividade missionária de Jesus na Síria (4,24).

O tema eclesial é uma das suas preocupações (veja-se o uso do termo ekklesia: 16,18; 18,17) mas ele é também o evangelista da missão a «todas as nações» (28,19-20).

Mateus, o apóstolo de um evangelho polifacetado que integra e harmoniza a diversidade, é um bom modelo para a presente «estação» eclesial. Com efeito, a Igreja apresenta-se hoje cada vez mais sectorizada, não obstante as tentativas crescentes de a tornar «monolítica». As diversas sensibilidades dificilmente conseguem conviver em respeito recíproco. A diferença não é vista como possível riqueza para a «catolicidade» mas como latente ameaça para a «unidade». Uma Igreja que não se deixa desafiar pela «diversidade», isolar-se-á progressivamente, tornando-se uma «fortaleza» excludente, onde poucos poderão entrar. A Igreja, porém, deve ser Mãe que acolhe, inclusiva por natureza.

Que a campanha da «nova evangelização» possa ser a ocasião propícia para recuperar o «respiro católico» do evangelho que Mateus nos legou! Ele é a testemunha privilegiada de Jesus que não exclui ninguém da sua amizade e se senta à mesa dos publicanos e pecadores. Desde esse «púlpito», Ele nos diz: «Ide e aprendei o que significa: Misericórdia eu quero, e não sacrifício» (9,13).



O Perfil do Novo Evangelizador

A Vocação de Lucas

Bento XVI sugeriu aos cristãos que se empenhassem com mais convicção na evangelização, que recuperassem a «alegria de crer» e reencontrassem o «entusiasmo de comunicar a fé» (Porta Fidei, n.º 7). Um olhar para o perfil de Lucas pode ajudar-nos a viver ao serviço do “crer e evangelizar” e sentir a alegria do Evangelho, a que nos convida o Papa Francisco.

O Papa Bento XVI proclamou um Ano da Fé a partir do 11 de Outubro de 2012, 50.º aniversário da abertura do Concílio Vaticano II, até ao 24 de Novembro de 2013, Solenidade de Cristo Rei do Universo. No mês de Outubro de 2012 realizou-se em Roma o Sínodo dos Bispos, sobre o tema «A nova evangelização para a transmissão da fé cristã».

Nessa altura, o papa afirmou que «hoje é necessário um empenho eclesial mais convicto a favor de uma nova evangelização, para descobrir de novo a alegria de crer e reencontrar o entusiasmo de comunicar a fé» (Porta Fidei, n.º 7). Convidou-nos pois a viver «ao serviço do crer e do evangelizar» (n.º 12).

Quem poderíamos escolher como modelo para este tempo? Proponho-vos a figura do evangelista São Lucas, cuja festa celebramos no dia 18 de Outubro. Não chegou até nós o relato da sua vocação mas a sua figura diáfana de discípulo e missionário da Igreja apostólica aparece em filigrana nos seus dois escritos, Evangelho e Actos dos Apóstolos (uma obra unitária concebida em duas partes), e nas referências que a ele faz São Paulo em algumas das suas cartas.

Uma figura simpática

Segundo a tradição, Lucas é originário da Síria (Antioquia), de cultura grega e proveniente do paganismo. Era médico de profissão («o médico amado»: Colossenses 4,14). Foi colaborador de Paulo (Filémon, 24) a partir da sua segunda viagem apostólica, por volta do ano 49 (cf. Actos 16,10, onde Lucas passa a relatar usando «nós», a primeira pessoa do plural). Permaneceu fiel ao lado de Paulo nos seus últimos dias antes do martírio em Roma (2 Timóteo 4,11). Segundo a tradição, era também pintor (teria pintado o primeiro ícone da Virgem Maria!).

Estas qualidades particulares delineiam já uma pessoa que suscita uma certa simpatia à primeira vista. Mas é sobretudo a sua sensibilidade humana e de fé, transparecendo dos seus escritos, que o torna uma figura atraente, luminosa, actual. Indagando um pouco livremente na personalidade de Lucas, entrevejo algumas características que dariam um óptimo identikit do «novo evangelizador». Escolho quatro delas!...

Arauto da alegria

Uma das características do evangelho de Lucas é a alegria. Se «evangelho» é «alegre notícia», o primeiro anúncio (do anjo Gabriel a Zacarias) é um «evangelho»: «Terás alegria e regozijo e muitos se alegrarão...» (1,14). O mesmo anjo diz a Maria: «Alegra-te, cheia de graça» (1,28). O Magnificat de Maria é uma explosão de alegria (1,47). Mas «a grande alegria», «que será para todo o povo», é o nascimento do Messias (2,10).

Todo o evangelho de Lucas é um relato de uma grande sementeira de alegria. Com a sua palavra nova, a sua acção prodigiosa, a sua proximidade a todos, Jesus suscita maravilha e louvor por onde passa! O evangelho termina dizendo que os apóstolos voltaram a Jerusalém «com grande alegria», louvando a Deus (24,52-53).

O missionário, o evangelizador é, antes de mais, um arauto da alegria, portador de uma mensagem que acalenta o espírito, fazendo renascer a esperança no

coração e brotar o sorriso nos lábios. Por isso mesmo deve ser uma pessoa alegre, que toma a sério a sua missão de «anunciador de boas novas» (Isaías 40,9).

«A nova evangelização faz-se com o sorriso, não com um rosto carrancudo», lembrava recentemente o cardeal de Nova Iorque, Timothy Dolan, ao papa e ao colégio cardinalício. E recordava o apelo que outro cardeal, John Wright, dos seus tempos de estudante, numa missa em S. Pedro, dirigira aos seminaristas dos ateneus romanos: «Seminaristas, fazei-me um favor, a mim e à Igreja: quando passeis pelas ruas de Roma, SORRIDE!»

Eis o que nos falta frequentemente: o SORRISO! Não é o «colar branco» que deve distinguir o «novo evangelizador», mas o seu grande sorriso aberto, franco, contagiante!...

Cantor da bondade de Deus

O livro de Lucas é o «Evangelho da Misericórdia». E não só pelo famoso capítulo 15, das três parábolas da misericórdia. Jesus veio para «proclamar o ano de graça do Senhor» (4,19). A salvação está agora ao alcance de todos: «Todo o homem verá a salvação de Deus» (3,6). Uma oportunidade a aproveitar, sem demoras, hoje. O «hoje» é uma «palavra-chave» do evangelho de Lucas, desde o nascimento de Jesus, passando pelo seu discurso inaugural na sinagoga de Nazaré e o encontro com Zaqueu, até à penúltima palavra na cruz dirigida ao «bom ladrão» (2,11; 4,21; 13,32; 19,9; 23,43). Ao grande banquete do Reino são convidados «pobres, aleijados, cegos e coxos» (14,21-23), toda a categoria de pessoas, mesmo as que a antiga Lei excluía do culto.

Lucas sublinha a bondade, doçura e compaixão de Jesus. A tradição patrística chama-o «o escriba da mansidão de Cristo». Jesus manifesta uma predilecção particular pelos mais débeis. Ele se diz enviado a «anunciar a boa nova aos pobres» (4,18). Senta-se à mesa dos pecadores e mulheres «de má vida», porque veio salvar os «perdidos» (5,32). Espelho da bondade do Pai, acolhida na sua profunda experiência de oração – outro tema caro a Lucas. Sete vezes ele alude à oração de Jesus (número altamente simbólico) e três vezes a explicita (também este significativo).

Eis uma segunda característica que teria de sobressair no novo evangelizador: a BONDADÉ, essência do evangelho. Talvez necessitemos mudar de atitude para com a sociedade. Ter um coração seduzido pelo Amor de Deus, sim, mas também plenamente incarnado na realidade, apaixonado por quanto é humano e atento aos gemidos da humanidade. Dizia recentemente o monge Enzo Bianchi: «A crise de fé hoje, antes de ser crise de fé em Deus, é uma crise de confiança humana, é a falta de confiança nos outros, na vida, no futuro e, acima de tudo, é fraqueza em acreditar no amor» (cf. 1João 4,16).

A nova evangelização será eficaz na medida em que for um acto de bondade: partir do Coração de Deus, dirigir-se ao coração dos homens e mulheres de hoje para transmitir-lhes o coração do evangelho, através do coração sensível e apaixonado do evangelizador!...

Entusiasta da diversidade

Lucas apresenta uma imagem de Jesus que acolhe toda a gente, atirando-se a crítica dos fariseus, os «puros» e «justos» (5,30). Que educa à tolerância: «o que não é contra vós é a vosso favor» (9,50). Até os seus adversários reconhecem que «não faz acepção de pessoas» (20,21).

Mas a abertura sem reservas à diversidade é fruto do Pentecostes. Prosélitos provenientes «de todas as nações que há debaixo do céu» (Actos 2,5) acorrem ao Cenáculo. E apesar da abundância da «pesca», «as redes não se romperam». Lucas sublinha a concórdia da primitiva comunidade de Jerusalém que «tinha um só coração e uma só alma», colocando tudo em comum (Actos 4,32-35) e cativando a simpatia de toda a gente (Actos 2,47).

Em círculos cada vez mais amplos, o evangelho ultrapassa os confins: da Judeia à Samaria até às grandes cidades pagãs; da Sinagoga aos diversos ambientes culturais do império greco-romano, rumo aos «confins da terra» (Actos 1,8). Apesar das inevitáveis dificuldades (Actos 6,1), a Igreja optará pela abertura à universalidade. Iniciada por Pedro (Actos 10), encontrará em Paulo o seu principal paladino e será sancionada no «concílio de Jerusalém» (Actos 15).

Hoje a «diversidade» (nas suas mais diversas manifestações: étnica, cultural, religiosa, filosófica, ética...) entrou pelas nossas portas adentro. Um fenómeno de certa maneira imparável. Mas mete medo! É forte a tentação de criar novas barreiras e muros segregativos, para manter o «estranho» fora! Também na Igreja. Enzo Bianchi alerta contra esta «tentação de assumir posições defensivas, de encastelarmos em cidadelas que forçosamente contam com o número e com os recintos: é fácil ceder a essa falta de fé no Senhor da história, o Senhor amante dos seres humanos, o Senhor, que “quer que todos os seres humanos sejam salvos” (1Tm 2, 4)».

Na linguagem bíblica, «diverso» traduz-se com «santo». Deus é o «Santo dos Santos», o «Todo Diverso» por excelência. Mas a sua «diversidade», revelada em Jesus, não nos mete medo. É uma incomensurável riqueza partilhada com pródiga generosidade. O novo evangelizador deve ser um «santo» convencido que a diversidade é dom, enriquecimento recíproco!...

Impelido pelo vento do Espírito

Lucas é também o homem da missão. Quando a comunidade cristã vivia na expectativa do regresso iminente de Cristo, Lucas – profeticamente – acentua a tarefa urgente e fundamental da Igreja de anunciar o evangelho, de ser testemunha de Jesus «até aos confins da terra», assistida pela potência do Espírito Santo (Actos 1,8). O livro dos Actos é também chamado o «evangelho do Espírito Santo». Nele encontramos mais de cinquenta referências ao Espírito. É Ele que impele a Igreja a sair pelas estradas do mundo para mostrar o «Caminho» (Actos 19,19.23). É Ele o grande protagonista da evangelização (Actos 8,29.39; 13,3; 16,6-7).

Hoje há sinais evidentes de um certo cansaço e desânimo nas comunidades de «antiga tradição» cristã. A «nova evangelização» é um apelo a recuperar a coragem e a deixar-se conduzir pelo Vento do Espírito. A «missão no Espírito Santo» representa a juventude da Igreja, um sinal da sua vitalidade, a garantia duma sua perene primavera. Faz nascer novas comunidades e rejuvenesce as «antigas».

O novo evangelizador é aquele que abre as velas da sua barca ao Vento do Espírito, navegando veloz e confiante rumo a novos mundos. Pois «os que põem a sua esperança no Senhor renovam as suas forças, abrem asas como as águias, correm e

não se fatigam, caminham e não se cansam» (Isaiás 40,31). Uma missão baseada em simples estratégias humanas, pelo contrário, pretende avançar à força de remos. Depressa sucumbirá à fadiga de remar contra ventos contrários.



O Apóstolo de Reserva

A Vocação de Matias

No dia 14 de Maio, celebramos a festa do apóstolo São Matias, o «apóstolo de reserva», escolhido para substituir Judas (Actos 1,15-25). É uma vocação pascal que nasce para ser, com os demais Onze, «testemunha da ressurreição» do Senhor Jesus (Actos 1,22).

Com efeito, a vitória definitiva e total de Cristo sobre a morte, depois de a ter enfrentado num «tremendo duelo» sem par, não se saldara sem... «perdas»! Algu- ma delas irreparável, como a de Judas, que terminou dramaticamente o seu percurso de discípulo.

Uma incómoda cadeira!

Podemos imaginar o embaraço causado no ânimo de todos por aquela «cadeira» que Judas deixara vazia. Testemunha muda de um drama terrível: o discípulo que traíra o Mestre e o remorso que o levara a uma trágica morte. Se o «regresso» de Jesus atenuara a dramaticidade dos acontecimentos, a sombra do trágico fim de Judas pairava ainda na memória de todos. Não podiam esquecer que Judas «era um deles e tinha recebido como eles uma parte do ministério». Além disso, «o facto chegara ao conhecimento de todos os habitantes de Jerusalém» (Actos 1,18-19), o que sem dúvida cobrira de vergonha todo o grupo dos seguidores de Jesus.

Na realidade, aquele «lugar» que Judas ocupara, a sua «cadeira» vazia no Cenáculo, lembrava a todos a própria fragilidade. O gesto de Judas fora horrendo (embora só Deus sabe qual seria a intenção de Judas: provocar Jesus para que manifestasse o seu poder de Messias?). Mas nenhum dos «Onze» podia gloriar-se da própria conduta, a começar por Pedro. Ninguém se tinha revelado à altura da situação. Todos tinham abandonado Jesus na «sua hora». Por isso, aquela cadeira vazia falava muito mais do que apenas do seu antigo ocupante!...

Que fazer? Deixar que esta «cadeira vazia» continue a sua «denúncia», ou dar-lhe um novo ocupante? Será a primeira questão que os «Onze» devem resolver.

Pedro, assumindo a liderança da comunidade reunida em plenário (120 pessoas), promove um discernimento sobre a questão. Manifesta ter aprendido da dura experiência de excessiva autoconfiança. Não se precipita na decisão. Consulta as Escrituras (Salmos), estabelece os critérios para a escolha, envolve toda a comunidade e juntos pedem que Deus manifeste a sua eleição.

O candidato deve ser alguém que tenha seguido Jesus «a partir do baptismo de João até ao dia em que fora arrebatado para o Alto» (Actos 1,21-22). A comunidade designa dois: José, de apelido Barsabás, chamado Justo, e Matias. A escolha, pela tiragem à sorte, recai sobre Matias. Assim se refaz o grupo dos «Doze». Matias é a forma abreviada do hebreu Mattatyâh, «Dom de Deus», transcrito em grego em três formas diferentes: Matias, Mateus e Matatias.

Aquela cadeira, agora ocupada por Matias, pouco mais terá a dizer-nos sobre o seu novo proprietário. Dias depois, após a descida do Espírito Santo no dia de Pentecostes, o Grupo dos Doze, recém-refeito, dispersa-se pelo mundo para testemunhar a ressurreição de Jesus, e nós perdemos os traços de uma boa parte deles. Nada mais sabemos de Matias, senão o pouco que diz a tradição, e por sinal bastante incerta. Segundo os Actos apócrifos, teria nascido em Belém de uma ilustre família de Judá. Fizera parte dos 72 enviados em missão (Lucas 10). Segundo alguns, teria evangelizado no Médio Oriente e em África (Etiópia), onde teria sido crucificado. Segundo outros, foi martirizado em Jerusalém. É representado como um homem idoso com uma alabarda na mão, símbolo do seu martírio. As suas (supostas) relíquias foram trazidas para Roma (Basílica de Santa Maria Maior) pela rainha Santa Helena, mãe do imperador Constantino.

A «cadeira», ou melhor, o «trono» que agora Matias ocupa no céu (Mateus 19,28) poderia contar muito mais, mas até hoje a Wikileaks não conseguiu ter acesso a esses dados celestes. Aliás o pouco que tem filtrado tem sido por iniciativa do Céu (aparições ou «revelações»), mas, a dizer a verdade, isso não tem suscitado interesse nos meios de comunicação!...

Outras cadeiras vagas ou vazias...

Mas falemos de outras «cadeiras», cá pela terra. Todos temos a nossa «cadeira», o nosso lugar, uma tarefa específica a cumprir, uma responsabilidade a assumir na vida, na sociedade e na Igreja. Se não a ocuparmos, aquela «cadeira vazia» estará lá, algures, a denunciar a nossa «ausência»!

Mas mais do que a «cadeira», é o «cadeirão» que é ambicionado (sendo o «trono» de exclusividade real!), possivelmente colocado sobre um alto «estrado» de onde se possa ser «bem visto» e dominar a plateia. Mas também a «poltrona» tem procura, até como seu natural complemento (depois das solenes sessões) de cadeirão. Os candidatos a cadeirões e poltronas são numerosos. Quem tem a sorte de vir a ocupar um tal «pouso» não o abandona facilmente. Agarra-se a ele com unhas e dentes!

São as cadeiras «normais» que abundam. Aquelas simples, humildes, pouco cómodas e vistosas, que se supõem ser provisórias, para uma pausa de serviço ou uma reunião de trabalho.

Mas se quisermos ver, de verdade, cadeiras vagas e bancos vazios é só entrar numa das nossas igrejas (isto se tivermos a sorte de encontrar alguma aberta)! Ou em certos seminários e casas religiosas! Quantos lugares vazios! Estes, poucos os procuram (com a excepção de algum pobre vagabundo, se tiver a sorte de o deixarem entrar!). Talvez porque os assentos são fisicamente desconfortáveis, além de antiquados? De todas as maneiras, eles são particularmente «incómodos» para o crente, pelo espectáculo que oferecem, de ausência e abandono! Para onde foram os seus ocupantes? Muitos deles encontraram um lugar melhor que lhes preparara o Mestre (João 14,1-3). Mas não foram substituídos: o lugar deles ficou vago! Outros, a certa altura, cansados ou desiludidos, foram-se embora, deixando o seu lugar vazio!...

Diante deste espectáculo, muitos perguntam-se: o que fazer? Alguns decidiram pura e simplesmente «vender» ou «fechar» tais lugares vazios! Outros «reestruturaram», reduzindo a oferta à medida da procura! Serão estas as únicas soluções? O Evangelho sugere outras: «Sai pelas estradas e pelos cercados e faz com que as pessoas venham aqui para que minha casa fique cheia» (Lucas 14,23). O pastor não

se contenta com as 99 ovelhas quando perde uma: é a que falta que conta para ele! (Lucas 15,1-7).

A «nova evangelização» pretende fazer sair a Igreja para a rua. Deus queira que o «Ano da Fé» decretado pelo papa possa despertar muitos cristãos «apoltro-nados» e, sobretudo, faça descer de certos «cadeirões» muita «gente de igreja» para se aproximarem das poucas «cadeiras» ocupadas, particularmente as do fundo da igreja cujos ocupantes olham mais para a porta de saída que para o altar!...

Diz-se, por vezes, que hoje o «espiritual» não tem «procura» mas, se formos honestos, veremos que o mercado está cheio de «oferta», o que significa que abunda também a procura. O problema é que estávamos habituados a ter o «direito de exclusividade» e agora não aguentamos a «concorrência». Temos o «melhor produto» do mercado mas somos dos piores «promotores». Talvez porque nos cansamos dele, como os israelitas enjoados do maná (Números 21,5)? Como podemos nós anunciar a Boa Nova, se nos falta o sorriso? Como convenceremos a gente da rua a entrar na «sala do banquete», se parecemos espiritualmente famélicos? Como podemos acolher o «filho pródigo», se vemos o Pai como um patrão e no fundo invejamos o irmão «rebelde»?

Tantas cadeiras vazias, em realidade, denunciam a nossa própria falta de fé, talvez mais do que daqueles que se foram! O sinal mais evidente dessa carência é a falta de impulso missionário. A fé não partilhada entra em letargia e, pouco a pouco, procura uma «poltrona»!...

E a minha cadeira?

Nós missionários poderíamos falar também da experiência de igrejas cheias onde faltam «cadeiras». São eles os pobres recolhidos nas encruzilhadas dos caminhos que aceitaram o convite e vêm ocupar os lugares daqueles que negligenciaram o convite (Mateus 22,9)? É provável! Mas isto foi possível graças à sementeira de gerações de missionários que, ao convite de Deus, deixaram o seu «sítio» na terra e na família para irem algures no mundo levar o convite do Rei.

Por isso, há lugares «vazios» que são testemunho de uma forte e especial presença. Pensemos no «lugar» do Mestre ao deixar os Doze, uma vez terminada a sua missão; na «sede apostólica», quando os Apóstolos abandonaram Jerusalém para evangelizar o mundo; nos mártires, arrancados violentamente ao seu «posto» de serviço; nos missionários que deixaram a própria terra e família... Estes lugares «vazios» emanam solidariedade, comunhão, presença mais forte que a simplesmente física!...

Um lugar «vago» pode significar também uma atitude de espera e de acolhida. Como o posto livre na Páscoa hebraica, reclamando a vinda do Messias!... Ou o lugar disponível para acolher, a qualquer momento, o hóspede, o pobre ou o estrangeiro que bater à nossa porta!...

Uma penúltima palavra: a minha cadeira, o que dirá de mim? Denuncia a minha «ausência» e falta de empenho, ou é testemunha de uma presença solidária? A cada um sua resposta!...

A última Palavra é do Amém, da Testemunha fiel: «Ao que vencer, farei que se sente comigo no meu trono, assim como Eu venci e estou sentado com meu Pai, no seu trono» (Apocalipse 3,21).



A Vocação da Quotidianidade

Marta e Maria



Marta e Maria são frequentemente apresentadas como exemplos de contraposição entre ação e oração. Qual delas é «a melhor»? Uma questão que animou desde sempre a reflexão espiritual. No dia 2 de Fevereiro, 40 dias depois do Natal, celebra-se a Festa da Apresentação do Menino Jesus no Templo. É o Dia das Vocações Consagradas, seja de vida activa que contemplativa. Ambas elas são de importância vital para a missão da Igreja. A reflexão sobre estas duas irmãs pode ajudar-nos a ter uma visão mais harmónica da vocação cristã.

Três textos evangélicos falam de Marta e Maria: Lucas 10,38-42; João 11,1-46 e 12,1-8. Concentraremos a atenção sobretudo no relato de Lucas.

Segundo o IV evangelho, as duas irmãs habitavam em Betânia, uma aldeia dos subúrbios de Jerusalém. S. João menciona-as sempre juntas e com o irmão Lázaro. Parece ser uma família abastada. São amigas de Jesus e acolhem-no com a sua comitiva (umas trinta pessoas?) quando vão a Jerusalém. Ali, Jesus pode descansar e encontrar «onde pousar a cabeça» (Mateus 8,20). Betânia é o «santuário» da amizade e da hospitalidade.

Marta parece ser a mais velha e a patroa da casa. O seu nome significa provavelmente «senhora/dona de casa». O nome é masculino na tribo dos Nabateus e no livro rabínico do Talmude pode ser masculino ou feminino. Trata-se de uma mulher dinâmica e activa.

Maria parece ser mais jovem, mais terna e introversa. A etimologia do nome é incerta: «rebelde», «amada», «excelsa»...

Segundo Lucas 10,38-42, Marta e Maria acolhem Jesus em casa. Enquanto Marta não tem mãos a medir a preparar a comida para os hóspedes, Maria deixa-se ficar aos pés de Jesus, a escutá-lo. Irritada, Marta pede a Jesus que diga à irmã para vir dar-lhe uma mão. Jesus sai-se com uma resposta inesperada: «Marta, Marta, andas muito inquieta e te preocupas com muitas coisas, no entanto, uma só coisa é necessária, Maria escolheu a boa parte, que lhe não será tirada.»

Esta frase de Jesus é objecto de inúmeras interpretações. Por vezes tendenciosas ou ideológicas. Mas ela pode ajudar-nos a meditar sobre a nossa vocação de discípulos de Jesus.

Submissão ou emancipação?

UMA VISÃO REVOLUCIONÁRIA DA MULHER. A atitude de Maria, afectuosa, devota, silenciosa, foi exaltada por uma certa tendência machista e clerical, advogada da submissão da mulher ao homem.

Marta, pelo contrário, uma mulher que tem a coragem de «abrir a boca» e de manifestar a própria individualidade, seria símbolo da emancipação feminina. Em algumas pinturas medievais é representada como o correspondente feminino de S. Jorge ou S. Miguel, com a particularidade que não mata o dragão mas doma-o, levando-o pela trela como se fosse um animal doméstico. É uma maneira diversa, feminina, de dominar o mal, não suprimindo o adversário mas docilizando-o.

Em realidade, a figura de Maria é também ela revolucionária. Estar aos pés de alguém significava ser seu discípulo. Ora, na época de Jesus, o estudo da Tora (Lei) era exclusividade do homem. Na língua hebraica e aramaica a palavra «discípulo» não tinha feminino. Desta maneira, Jesus louvando a atitude de Maria assume uma posição provocadora, rejeitando a mentalidade patriarcal. Mais ainda, desqualifica de alguma maneira a «mulher exemplar» tradicional que Marta representa, acudindo aos muitos afazeres da casa (ver Provérbios 31,10 ss.).

Por conseguinte, ambas representam uma forma de emancipação feminina. Marta, com a sua extroversão empreendedora, e Maria, com a sua introversão silenciosa, são o modelo de uma humanidade integrada, onde silêncio e palavra, introversão e extroversão convivem entre si.

Acção ou oração?

CASAR COM... AS DUAS IRMÃS! A tradição vê em Marta o símbolo da vida activa e em Maria da vida espiritual ou contemplativa, e a supremacia desta sobre a primeira. O «serviço corporal» é inferior ao «serviço espiritual» (S. Basílio). Enquanto a vida activa termina com o mundo presente, a contemplativa continua na vida futura – diz S. Gregório Magno. Mas acrescenta que é preciso «casar» com as duas, como Jacob que, embora preferindo Raquel, mais bonita mas estéril, teve de se casar primeiro com Lia, menos fascinante mas fecunda.

No fundo, a contraposição entre vida activa e vida contemplativa é falsa, porque uma não pode existir sem a outra. Não se excluem mas integram-se. Trata-se de uma acentuação das duas dimensões essenciais da vocação do discípulo. Marta e Maria vão unidas, como o faz entender S. João ao mencioná-las sempre juntas. Jesus ama ambas (João 11,5). Aliás, S. João diz que é Marta quem corre ao encon-

tro de Jesus (enquanto Maria fica em casa) e faz uma comovedora confissão de fé (João 11,20.27). Marta e Maria não são figuras antagónicas mas complementares. Todos somos chamados a incarnar Marta e Maria, a ser servidores e ouvintes da Palavra.

As duas irmãs vivem reconciliadas. Assim as representa o pintor franciscano Beato Angélico, numa sua pintura, em Florença. Ambas assistem (espiritualmente) à agonia de Jesus no horto. Enquanto os três discípulos dormem, elas vigiam competidas no mistério. Maria lendo a Palavra, Marta ouvindo-a com atenção e ternura. As duas «esposas» convivem pacificamente.

Lei ou Evangelho?

VESTE NUPCIAL E AVENTAL! Também poderíamos supor que Lucas, apresentando estas duas figuras estilizadas, queria mostrar dois tipos de serviço na comunidade cristã: o «serviço das mesas» (diaconia) e o «serviço à Palavra» (profecia). Confrontados entre os dois, os apóstolos a certa altura devem fazer uma escolha: «Não é bom que descuidemos a Palavra de Deus por causa do serviço das mesas» (Actos 6,2). O serviço da Palavra seria superior ao da caridade.

Para alguns, aliás, Marta e Maria exemplificariam duas fases do discipulado. Marta, preocupada em «fazer muitas coisas», simboliza a «primeira conversão», a da purificação das obras. Maria, concentrada no «único necessário», incarna a «segunda conversão», a da purificação do coração. Neste caso, Marta representaria o Antigo Testamento (a Tora com os seus 613 preceitos) e Maria o Novo (com a «Lei do Amor» que os unifica).

O facto é que elas representam duas dimensões essenciais e igualmente importantes da Esposa que se identifica com o seu Esposo «vindo para servir» (Marcos 10,45). Ou seja, uma comunidade cristã esplendorosa na sua veste nupcial, «sentada à direita do Rei» (Salmo 44,13), mas igualmente capaz de despojar-se das suas vestes para revestir o avental de serviço e lavar os pés de seus filhos (João 13,4).

Fazer ou Ser?

O DUPLO COMANDAMENTO DO AMOR. O contexto do episódio de Betânia é eloquente. De uma parte, é precedido pela parábola do «bom samaritano», que termina dizendo: Vai e FAZ o mesmo! (Lucas 10,37). Por outra, é seguido imediatamente pelo ensinamento de Jesus sobre o Pai-Nosso e a oração (Lucas 11,1-10). Dir-se-ia que Lucas queira sublinhar a unidade entre o Fazer («fazer-se próximo» do irmão) e a Escuta da Palavra («ser próximo» de Deus).

Se o «bom samaritano» é um ícone do amor ao próximo, Betânia é-o do amor a Deus. Marta «faz», Maria «ama». O episódio da unção de Betânia, narrado por S. João, é uma confirmação desta releitura. Jesus defende Maria contra Judas, que apelara à caridade para com os pobres para criticá-la (João 12,8).

Conclusão?

CONVERSÃO E DISCERNIMENTO. Marta e Maria aparecem sempre «em casa». A casa e a aldeia são o tempo da vida normal, a «igreja» doméstica. A condição normal do cristão, do leigo. No centro estão a escuta da Palavra e o Serviço. Trata-se de fazer da nossa casa uma «Betânia». Acolher o Amigo Cristo. Hospedar uma pessoa em casa muda as nossas prioridades e condiciona o modo de fazer as coisas!...

Marta e Maria amam ambas Jesus, mas diferem nas prioridades. Maria concentra a atenção em Jesus e deleita-se com a sua presença. Marta, preocupada com os afazeres, cede à inquietação, à impaciência e ao cansaço. E a presença de Jesus acaba por tornar-se para ela um «peso». É este o problema.

O estado de irritação de Marta leva Jesus a «chamá-la» com ternura (tal é a conotação da repetição do nome: «Marta, Marta») para reclamá-la ao essencial, à conversão ao «único necessário», à procura do Reino de Deus. Tudo o resto virá por acréscimo (Lucas 12,31).

O tempo urge e, por isso, o discípulo não pode preocupar-se com «muitas coisas». A multiplicidade de serviços não é necessariamente sinónimo do «serviço» que Jesus espera do seu discípulo. É pois necessário estabelecer prioridades e urgências. Noutras palavras, é preciso discernir. Como diz Paulo: «Peço que o vosso amor abunde sempre mais em conhecimento e em discernimento para que possais apreciar as coisas melhores» (Filipenses 1,9-10).



Conta-nos, Maria!

A Vocação de Maria Madalena

*«Diz-nos, Maria: Que viste no caminho? Vi o sepulcro de Cristo vivo, e a glória do ressuscitado. Vi as testemunhas dos Anjos, vi o sudário e a mortalha. Ressuscitou Cristo, minha esperança!»
(Sequência pascal).*

Acho que uma das grandes personagens bíblicas neotestamentárias a colocar sobre o «candelabro da nossa casa» (Mateus 5,15) é Maria Madalena, a mulher da grande alvorada, a primeira mensageira da Ressurreição. Ela é a imagem da Igreja Esposa apaixonada à procura do seu Senhor. Maria Madalena ficou assim intimamente ligada àquele especial acontecimento que está na origem e ao centro da nossa fé: a festa da Páscoa.

A Páscoa para os cristãos é, com efeito, a nossa génesis. É o nosso nascimento. Nela todos os nossos medos foram dissipados e todos os nossos desejos realizados! Quem acolhe sem reservas o «anúncio pascal» não consegue permanecer indiferente ao grito do exultet, que ressoa (no silêncio de uma assembleia em pleno suspense) para convidar céus e terra a alegrarem-se com a grande notícia do triunfo de Cristo. Páscoa é o triunfo inesperado da Vida que faz renascer a Esperança certa; é o Luzeiro da manhã que ilumina a noite profunda e abre caminho ao Sol meridiano; é a explosão da Primavera que inaugura a época da Beleza, estação das cores, do canto e das flores... Um cristão sem Páscoa é um derrotado de quem se foge pelo cheiro de morte que tresanda! O cristão da Páscoa é o mensageiro de uma alegria contagiosa, uma unção perfumada capaz de ressuscitar os corações moribundos!

Maria, a Madrugadora!

A primeira testemunha da Páscoa é Maria Madalena (João 20, 11-18). A paixão pelo Mestre manteve o seu coração desperto na noite da grande «Passagem»: «Eu durmo, mas o meu coração vela» (Cântico 5,2). E porque o amor a fez madrugar, o Amado mostrou-se a ela em primeiro lugar.

É a ela que vamos pedir: Diz-nos, Maria: que viste? (Sequência do Domingo de Páscoa). Sim, interrogar as testemunhas, os que viram. Infelizmente hoje a nossa sociedade, permeada de uma cultura da suspeita e da transgressão, levada pelo prurido de «novidades» que satisfaçam os próprios desejos, rodeia-se de mestres de fabulações (2 Timóteo 4,1-5). Quanto dizia Paulo VI, que «o mundo escuta com mais gosto as testemunhas do que os mestres», hoje não é assim tão certo como isso. Os «que vêem», com um olhar capaz de penetrar no invisível (Hebreus 11,27), as tais testemunhas são muitas vezes vilipendiadas, etiquetadas de «visionários» e assobiadas; enquanto os «que não vêem», e por isso mesmo negam a realidade espiritual, «invisível» aos olhos míopes dos novos «mestres» em voga, são considerados «iluminados» e aplaudidos pelas grandes plateias.

Conta-nos, Maria, o que viste! É o desejo do coração que busca a verdade, que não cede à moda do momento, não se apraz de relatos (viciados) de terceira e quarta mão mas vai beber à frescura da nascente, escutar a narração dos lábios inflamados de paixão das testemunhas que O viram. E Maria Madalena (nisto concordam todos os evangelhos!) é detentora de um testemunho de primeira mão, primícia feminina, «apóstola dos apóstolos», como a chamavam os antigos Padres da Igreja.

Maria, a Amante!

Mas, filhos que somos, nós também, de uma sociedade «incrédula», uma palavra de apresentação desta testemunha privilegiada se impõe como necessária. Desfaçamos antes de mais um equívoco: Maria Madalena não é a «mulher pecadora» de que se fala em Lucas 7,36-50 e João 8,1-11. Em realidade, encontramos diversas «Marias» no séquito de mulheres que seguem Jesus: além de Maria Mãe de Jesus, temos Maria de Betânia, Maria mulher de Cleopas, Maria mãe de Tiago-o-

Menor e naturalmente a nossa Maria Madalena. Esta provém de Magdala, uma povoação ribeirinha do lago de Tiberíades. Daí o nome de Madalena. Fora uma pessoa que sofrera muito, mas, uma vez libertada de «sete demónios» (Lucas 8,2), segue Jesus desde a Galileia, a partir da primeira hora.

O que caracteriza Maria Madalena? Um grande amor! É uma mulher apaixonada por Jesus, que não se conforma com a perspectiva de o perder e agarra-se àquele corpo inerte qual última oportunidade para poder tocar «aquele que o seu coração ama» (Cântico 3,1-4). Daí um outro equívoco recente, criado por mais um «mestre» prestigiador, Dan Brown, escritor norte-americano que escreveu O Código Da Vinci (2003), um êxito de vendas mundial (com diversas dezenas de milhões de exemplares vendidos: a «ficção», mesmo se repleta de falsificações grosseiras, continua a ser rentável!). Segundo Brown, a Madalena seria, na realidade, a amante de Jesus!...

Sim, Maria Madalena é a grande «Amante» de Jesus, mas não no sentido «carnal» como a viram os olhos de Brown. Se o «discípulo amado» (talvez o apóstolo S. João, segundo a tradição, embora esta identificação nunca apareça no seu evangelho!) é o protótipo de discípulo, Maria Madalena é, de alguma maneira, o seu «correspondente» feminino (sem por isso ensombrar a figura de Maria!). Maria Madalena é a «discípula preferida» e a primeira «apóstola» de Cristo Ressuscitado. Ela (chamada duas vezes pelo nome genérico de «mulher») representa a nova humanidade concreta, sofredora e redimida, a Eva convertida pelo Amor do Esposo, perdido outrora no Jardim do Paraíso, recuperado agora neste novo Jardim (João 19,41) onde descera o seu Amado (Cântico 5,1).

Diz-nos, Maria, o que viste! Conta-o com o fervor da tua paixão. Deixa-nos contemplar nos teus olhos o que viu o teu coração! Que a vocação de um apóstolo não vale a pena se não for vivida com essa tua paixão!

«Ficar» e «chorar»

A vocação de Maria Madalena é animada pelo amor, mas também pela fé. Fé e amor são ambos necessários: a fé dá pernas para andar, o amor dá asas para voar. A fé sem o amor não arrisca, mas o amor sem fé pode perder-se nas muitas en-

cruzilhadas. E a esperança é filha de ambas. É o amor e a fé que levam Maria Madalena a ficar junto do sepulcro, a chorar e a esperar embora não saiba bem o quê. Ao contrário dos dois apóstolos, Pedro (figura da fé) e João (figura do amor), que se afastam do Sepulcro. A Mulher, que reúne em si ambas as dimensões, «fica» e «chora». O seu «ficar» vem da fé, o seu «chorar» do amor. «Fica» porque a fé persevera na busca, não desanima diante do insucesso, interroga (os anjos e o jardineiro), como a Amada do Cântico dos Cânticos. Espera contra toda a esperança! Até que, encontrado o Amado, o amor a lança aos Seus pés, abraçando-os na vã tentativa de não mais O deixar partir (Cântico 3,1-4).

Hoje nós, apóstolos e amigos de Jesus, pelo contrário, capitulamos facilmente diante do «sepulcro». Fugimos dele! Falta-nos a fé para esperar que das situações de morte, de vazio, de fracasso possa renascer a vida. Já não temos fé em «milagres». Não há espaço em nós para esperar num Deus capaz de «ressuscitar os mortos». Apressamo-nos a fechar esses «sepulcros» com a «pedra muito grande» (Marco, 16,4) da nossa incredulidade. A nossa missão torna-se uma «desesperada» luta contra a morte. Empresa condenada ao fracasso porque a morte reina desde o princípio do mundo. Acabamos então por dedicar-nos à «obra de misericórdia» de «enterrar os mortos» (com ou sem a atenção especial de «embalsamá-los»), esquecendo que fomos enviados para os «ressuscitar» (Mateus, 10,8). Afrontar o «sepulcro» é o Rubicão do Apóstolo, a sua passagem do mar Vermelho (Êxodo, 14-15). Sem remover a pedra da nossa incredulidade para afrontar e vencer tão temível inimigo, não veremos a Glória de Deus: «Não te disse que, se creres, verás a glória de Deus?» (João 11,40).

Hoje temos dificuldade também em «chorar», sem dúvida porque amamos pouco. «Chorar faz parte do génio feminino», disse o Papa João Paulo II. Porque ama mais? «Lá onde está o teu tesouro estará o teu coração» (Mateus, 6,21). O coração da Madalena está naquele jardim, e por isso chora. O nosso esquece facilmente os seus «mortos». Preocupado com «tantas coisas» para fazer, não tem tempo para «ficar» e «chorar» com os que sofrem! Se a nossa oração não conhece momentos de «clamor e lágrimas» (Hebreus, 5,7) haveria que interrogar-se se não estaremos a ser corroídos pela indiferença. Pouco a pouco o coração se atrofia, alienando-se na acção, incapaz de «compaixão».

A audácia de «ficar» e de «chorar» não é estéril. As lágrimas de Maria convocam os anjos. São a resposta de Deus. Não lhe restituem o «cadáver» que ela pede e procura, mas anunciam-lhe, pelo contrário, que «Aquele que o seu coração ama» está vivo! Mas esse coração tem necessidade de «ver» e «tocar» o Amado. E Jesus cede, finalmente, à insistência do coração. Vai ao encontro de Maria Madalena. Quando a chama por nome: «Mariam», é então que o coração dela estremece de emoção, ao reconhecer a voz do Mestre. Ser chamados pelo nosso nome: eis o desejo mais profundo (inconfessado) que levamos em nós. Só então a «pessoa» alcançará a plenitude do seu ser e a consciência da sua identidade. Até lá andará às apalpadelas! Só então poderá dizer com o fogo de um coração enamorado: «Vi o Senhor!» E naquele dia, como Maria, tornar-nos-emos testemunhas de primeira mão: «O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos, e nossas mãos apalparam... o que vimos e ouvimos vo-lo anunciamos!» (1 João 1,1-4).



Deus à procura de um só homem

A Vocação do apóstolo Paulo

Não há palavras para descrever a grandeza e importância de Saulo de Tarso, «o 13.º apóstolo», Paulo, o grande arauto do Evangelho, o maior missionário de todos os tempos.

Alguém calculou que Paulo terá percorrido 20 000 km, por terra e por mar, uma empresa certamente excepcional, dadas as condições da época. Mas a sua grandeza não vem tanto da distância percorrida quanto do cariz extraordinário da sua vocação e do seu apostolado. (Actos dos Apóstolos 9, 1-30; 22, 1-21; 26, 1-32).

Um vaso de eleição

De Paulo temos abundantes notícias, seja através dos Actos dos Apóstolos seja das suas cartas. Permitti-me relembrar alguns dados. Nascido em Tarso, na diáspora, da tribo de Benjamin, cidadão romano, estudou a Lei (Tora) na escola do famoso rabino Gamaliel, em Jerusalém, no início dos anos 30. Ali veio a conhecer os seguidores do novo «caminho», os sequazes do Nazareno, que punham em questão a centralidade da Tora, substituída pela adesão a Jesus, considerado o Messias e Salvador, Morto e Ressuscitado. Fervente defensor da Lei, com o ardor próprio da idade (vinte e poucos anos), Saulo tornou-se bem depressa um acérrimo perseguidor dos discípulos de Jesus. É testemunha privilegiada da morte de Santo Estêvão, que certamente aprova: «convém que um só homem morra para o bem de toda a nação»!

Depois aconteceu algo inimaginável. A caminho de Damasco (Síria), aonde se dirigia com o objectivo de perseguir a comunidade cristã, foi literalmente fulgurado por uma aparição de Jesus. Tornado cego, conduzido pela mão, entrou em Da-

masco e, durante três dias, vive o seu «mistério pascal», passando por uma transformação radical da sua vida. Ananias, um ancião da comunidade, é enviado para o curar da cegueira e o orientar nos primeiros passos na fé. É o «vaso de eleição» escolhido pelo Senhor para ser o apóstolo dos gentios (Actos 9,15). Esvaziado do «vinagre» do seu fanatismo pela Lei, o seu coração será repleto do «mel» do amor de Cristo. Era por volta do ano 36.

Barnabé apresentará o novo e ardente «prosélito» à comunidade de Jerusalém, dissipando dúvidas e reticências a seu respeito. Juntos, por revelação do Espírito, empreenderão a primeira viagem apostólica a partir da comunidade de Antióquia. Será o início da grande epopeia missionária de Paulo que, durante cerca de vinte anos, com o seu grupo de colaboradores, percorrerá infatigavelmente os centros estratégicos do mundo helenista do Médio Oriente. Na sua ânsia de levar Cristo por todo o lado, propõe-se mesmo ir evangelizar a Península Ibérica. Culmina o seu amor a Cristo e ao Evangelho com o testemunho supremo do martírio, em Roma, por volta do ano 67.

Uma pessoa faz a diferença

Difícilmente alguém poderá um dia igualar a intensidade da paixão de Paulo por Cristo e pelo Evangelho. O «aborto» de apóstolo, o último deles, que se achara indigno de ser chamado tal (1 Cor 15,8-10), em realidade tornar-se-ia «o primeiro depois do Único» (Bento XVI). A sua figura de apóstolo e a Palavra inspirada das suas Cartas são um faro que continua pelos séculos a iluminar a Igreja.

É surpreendente como uma pessoa, pelas suas ideias ou pela sua acção, pode mudar o rumo da História, e a sua influência prolongar-se por séculos. Isto tanto para o bem como para o mal. Os exemplos que a História nos oferece (mesmo recente) são numerosos e alguns tristemente eloquentes.

A história bíblica recorda particularmente duas figuras únicas e antagónicas que terão um influxo extraordinário sobre toda a humanidade: Adão e Cristo. Paulo expõe-no eloquentemente na carta aos Romanos: «Por um só homem o pecado entrou no mundo e, pelo pecado, a morte, e assim a morte passou a todos os ho-

mens... Assim pela falta de um só resultou a condenação de todos os homens» (5,12.18). Mas, de modo semelhante, «a graça de Deus e o dom gratuito de um só homem, Jesus Cristo, se derramaram sobre todos... pela obediência de um só, todos se tornaram justos» (5,15.19).

Deus trabalha com a unidade

A unidade vem antes da multiplicidade: «Façamos o homem à nossa imagem e semelhança» (Gênesis 1,26). O ser humano é imagem da «Trindade inteira» (Santo Agostinho). No Plano de Deus, esta Sua imagem é um reflexo da profunda solidariedade e comunhão que existe no seio da Trindade. Por isso, enquanto os animais estão subdivididos em várias espécies, a humanidade forma uma só, sublinha Santo Agostinho. Nesta lógica, habitualmente o ponto de partida da acção de Deus é a «unidade» para alcançar a multiplicidade e a reconduzir à Unidade: «Que sejam todos Um como nós, Pai, somos Um» (João 17,11). O objectivo é aquele expresso na oração do Pai-Nosso: que seja «na terra como no céu».

Na história da salvação, quando Deus pretende começar algo de novo, uma nova etapa, escolhe uma pessoa em particular, em que concentra a sua acção. Através desse «fermento», multiplica a sua acção e faz chegar a sua graça à «multidão». Toda a «responsabilidade» passa através de uma consciência humana que, por vezes em forma dramática, é chamada a «responder» com total confiança e disponibilidade ao Plano de Deus. Como exemplo, podemos recordar Noé, Abraão, Moisés, os profetas, Jesus Cristo, os Doze... É tremendo pensar que o «sim» de uma «multidão» passa misteriosamente através do «sim» de um indivíduo. Através dele a bênção de Deus se prolongará até à milésima geração (Êxodo 20,6). Como um «não», de forma semelhante, pode influenciar também diversas gerações (esperamos que apenas «até à terceira ou quarta!»: Êxodo 20,5).

Eis onde reside a fecundidade da vocação de Paulo! O seu «sim» continua a ser fecundo, um canal por onde a bênção de Deus flui sem cessar, ao longo de séculos e milénios! Misteriosa sabedoria de Deus! Feliz seja o «sim» de Paulo que continua a crescer no nosso «sim» ao acolher o seu testemunho!

À procura de «uma só pessoa»: de mim!

Um só indivíduo pode fazer a diferença. E que diferença, por vezes!... Por isso Deus procura tocar e conquistar o coração de uma pessoa para salvar todo o seu contexto de vida. Infelizmente, nem sempre o encontra: «Procurei entre eles um homem que erguesse um muro e se pusesse na brecha diante de mim em favor dessa terra, mas não encontrei ninguém» (Ezequiel 22,30). Deus procura um justo para salvar os seus irmãos, mas «não há um sequer» (Romanos 3,10-12; Salmo 14,1-3). Por isso terá de enviar Seu Filho.

Hoje Deus dirige-se a cada um de nós, como outrora a Paulo, para nos propor uma fecundidade de vida incalculável. Todo o cristão, em qualquer tipo de vocação eclesial, a certa altura é chamado a tomar uma decisão fundamental, radical: optar por um tipo de vida no rasto de Paulo e de tantos outros, voando alto ao vento do Espírito, totalmente seduzido pela dupla paixão por Cristo e pela humanidade; ou adoptar uma vida a baixo perfil, navegando à vista, colhendo as pequenas satisfações da vida... A aposta é grande! Da nossa resposta depende a sorte de muita gente! Encontrará Deus em nós a generosidade e a coragem para aceitar tal desafio?

Dez «palavras» de Paulo

1. A mim, o menor de todos os santos, foi dada a graça de anunciar aos gentios a insondável riqueza de Cristo (Efésios 3,8).
2. Fiz questão em não pregar o evangelho onde já tinha sido invocado o nome de Cristo (Romanos 15,20).
3. Anunciar o evangelho não é título de glória para mim; é, antes, uma necessidade que se me impõe. Ai de mim, se eu não anunciar o evangelho! (1 Coríntios 9,16).
4. Ainda que livre em relação a todos, fiz-me o servo de todos, a fim de ganhar o maior número possível (1 Coríntios 9,19).

5. Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim. Minha vida presente na carne, eu a vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim (Gálatas 2,20).

6. Eu me regozijo nos meus sofrimentos por vós, e completo, na minha carne, o que falta das tribulações de Cristo pelo seu Corpo, que é a Igreja (Colossenses 1,24).

7. Quanto a mim, não aconteça gloriar-me senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo... Pois eu trago em meu corpo as marcas de Jesus (Gálatas 6,14.17).

8. Deus me é testemunha de que eu vos amo a todos com a ternura de Cristo Jesus (Filipenses 1,8).

9. Eu servi ao Senhor com toda a humildade, com lágrimas, e no meio das provações... E nada do que vos pudesse ser útil eu negligenciei... (Actos 20,19-20).

10. Sede meus imitadores, como eu mesmo o sou de Cristo (1 Coríntios 11,1).



Contemplar o Céu, mais além das estrelas!

A última vocação

«Vem, mostrar-te-ei a esposa, a mulher do Cordeiro. E levou-me em espírito a um grande e alto monte, e mostrou-me a grande cidade, a santa Jerusalém, que de Deus descia do céu. E tinha a glória de Deus...» (Apocalipse 21:9-11).

«A Porta da Fé, que introduz na vida de comunhão com Deus e permite a entrada na sua Igreja, está sempre aberta para nós...» (Porta Fidei, 1).

«À meia-noite ouviu-se um grito: Eis o esposo! Sai-lhe ao encontro!... Chegou o esposo, e as que estavam preparadas entraram com ele para as bodas, e fechou-se a porta» (Mateus 25,6.12).

O mês de Novembro inicia-se com a solenidade de Todos-os-Santos, seguida da comemoração dos Fiéis defuntos. Estas celebrações dão uma tonalidade particular a este mês. Convidam-nos a cultivar a «Comunhão dos Santos»; a reflectir sobre a nossa suprema chamada, a da vocação universal à santidade; a contemplar a futura glória, objecto da nossa Esperança!

Se os anjos outrora convidaram os Apóstolos a baixarem os olhos para a terra, quando contemplavam Jesus elevado ao céu, hoje talvez nos convidassem a erguê-los! O nosso olhar tornou-se míope. Habitados à escuridão da terra, os nossos olhos terrenos, de toupeira, são incapazes de erguer-se para contemplar o Céu. Novembro, quando o sol vai perdendo o seu vigor, a luminosidade diminuindo, a noite crescendo, a Natureza perdendo vitalidade... é tempo propício para elevar ao Céu o olhar da Esperança!

Estas celebrações oferecem-nos uma janela por onde avistar mais vastos horizontes, ou uma clarabóia para admirar o céu estrelado. Melhor ainda, abrem-nos uma PORTA: «Eu vi uma porta aberta no céu e... uma voz disse-me: sobe até aqui...» (Apocalipse 4,1). Entremos pois por essa porta aberta (aliás escancarada pelo Ano da Fé!). O Paraíso abre as suas portas permitindo uma visita! Uma ocasião a não perder!...

Permiti-me que partilhe convosco algo de tal «visita»!...

Todos iguais ou todos diferentes?

Primeira surpresa: o Céu é um maravilhoso e imenso mosaico da diversidade! «Eu vi uma grande multidão, que ninguém poderia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas» (Apocalipse 7,9). Não há «céus» diferentes para separar e evitar o «diverso»... numa eterna e monótona uniformidade! Mas um único para acolher e integrar a diversidade. Todas as diversidades: geográficas, temporais, raciais, culturais como também religiosas, convivendo alegremente, gratos pela riqueza da variedade que oferece uma contínua e perene novidade!

Surpresa ulterior: a riqueza de temperamentos e sensibilidades! Todas elas respeitadas. Todas elas purificadas. «Uma gota de divino existe em cada homem. Somos as folhas dissemelhantes de uma única árvore» (Cardeal Martini). Desaparecidas as sombras próprias de todo carácter (os seus limites, a outra face da moeda!), resplandece o seu lado luminoso! Finalmente «o lobo convive com o cordeiro» (Isaías 11,6).

Um exemplo? Vejo dois santos «nascidos para o céu» no mesmo dia, 30 de Setembro, de caracteres diametralmente opostos, a conviverem alegremente: S. Jerónimo, homem que fora rude, austero e irascível, e Santa Teresinha, toda ela feita de delicada sensibilidade!...

Repouso eterno?

Uma segunda surpresa: no Céu há azáfama, trabalha-se!... O Céu não é lugar de ociosidade! Toda a gente trabalha! O «Patrão» é o primeiro a dar o exemplo: «O meu Pai trabalha sempre e eu também trabalho», diz Jesus (João 5,17). E não

é um trabalho «divino», feito «desde o alto»; pelo contrário, muito humano, serviço humilde, feito de joelhos: «Quem vê a mim vê o Pai», diz Jesus depois de ter lavado os pés aos seus discípulos. E que dizer do Espírito Santo, enviado para continuar a obra de Jesus?

Mudem, pois, de ideia os que pensam que o «repouso eterno» é justificação para o ócio. E fiquem descansados os que não aguentam «estar sem fazer nada»! Tal como vai o mundo, como poderíamos seguir adiante sem o auxílio do Céu? Não têm eles de atender continuamente aos nossos pedidos de ajuda? Enquanto o homem repousa Deus continua o seu trabalho, sem se cansar (Isaías 40,28; Salmo 127,2).

Deus é Criador não só porque «criou» mas porque cria continuamente, «fazendo novas todas as coisas» (Apocalipse 21,5). Deus continua a admirar a sua obra, experimenta a alegria de criar. Todo o Céu partilha desta felicidade de Deus que cria com o Poder da sua Palavra, sem renunciar à alegria infantil de modelar, com mãos de oleiro, o barro da terra. A plenitude do Ser comporta a pura Acção. Lá alcançaremos finalmente a harmonia entre ser e fazer, integrando em nós a acção de Marta e a contemplação da sua irmã Maria. Num feliz e perpétuo êxtase contemplativo e num pacífico e fecundo êxtase activo!... «Sabes qual é a felicidade dos santos? É possuir a vontade satisfeita em todas as suas aspirações» (Santa Catarina de Sena).

Felicidade plena?

Uma terceira surpresa: a Felicidade do Céu não é uma “alegria descontraída”! E como poderia sê-lo se é o lugar da Caridade perfeita? Como poderiam os nossos irmãos alhear-se do nosso sofrimento e das nossas penas? E Deus sobretudo! A solidariedade de Cristo, a sua compaixão, as suas lágrimas (João 11,42) são emblemáticas. A Escritura não se coíbe de falar da «profunda tristeza de Deus» (Génesis 6,6). E São Paulo pede-nos que «não entristeçamos o Espírito de Deus» (Efésios 4,30), Ele que intercede por nós «com gemidos indescritíveis» (Romanos 8,26). Não é de admirar pois que certos videntes tenham ouvido Nossa Senhora falar da «tristeza»

de Deus e de seu Filho, e a tenham visto «chorar»!... «A tristeza do nosso coração é a tristeza de Deus» (Tomás Merton).

O Céu é o «lugar» da Solidariedade extrema e da Caridade perfeita. A alegria no Céu será «total» quando for partilhada por todos, quando «Deus enxugar todas as lágrimas, e não houver mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor...» (Apocalipse 21,4). «Não penses que a felicidade celeste seja apenas individual. Não! Ela é participada por todos os cidadãos da Pátria, homens e anjos». (Santa Catarina de Sena)

Prémio conquistado pelos nossos méritos?

Quarta surpresa: o Céu não é exclusividade dos “justos”! O Céu não é o «salário» concedido unicamente aos justos que o teriam merecido pelas boas obras. Ficaremos talvez pasmados ao encontrar lá «certas» pessoas e ao abraçar, embaraçados, algum nosso «inimigo»! Porque Deus é Aquele que «come com os pecadores e senta-se à mesa com eles» (Marcos 2,15). «A bondade de Deus tem grandes braços, que toma o que se dirige a ela» (Dante). Por isso para ir para o Céu «basta querer», diz S. Tomás.

O Céu é Dom da generosidade divina. Ninguém o merece. «Todos foram justificados gratuitamente, por graça» (Romanos 3, 21-28). «Quando Deus premiar os nossos méritos – diz Santo Agostinho – não fará que coroar os seus dons». Lá compreenderemos bem a desconcertante parábola de Jesus, dos trabalhadores convidados a trabalhar na Vinha que recebem todos a paga por inteiro. Parábola que teve uma aplicação eloquente no caso do «bom ladrão», «contratado» ao último momento, que, sem trabalhar, foi o primeiro a receber o salário (Lucas 23,43). E os justos não se escandalizam deste comportamento divino, pelo contrário: «há mais alegria no Céu por um só pecador que se converte do que por noventa e nove justos» (Lucas 15,7).

No Céu entra-se só por Amor. Por isso a mística sufista muçulmana Rabia de Bassora († 801) dizia que, se pudesse, apagaria o Inferno e queimaria o Céu para que todos amassem a Deus desinteressadamente, não por medo do inferno ou esperança do Céu!...

Conclusão?

Perdoai a minha ousadia. Esta minha «visão» é certamente deturpada pelo meu olhar míope e ofuscado. Uma mísera e nublada sombra da realidade, pois o Céu é a Grande Surpresa que Deus nos reserva! Que a Esperança dele ilumine a nossa «noite», como iluminou a do cardeal Martini recentemente falecido:

«Deus quis que passássemos por esta “dura viela” que é a morte e que entrássemos na escuridão... [porque] sem a morte nunca chegaríamos a fazer um acto de plena confiança em Deus. De facto, em cada escolha comprometedora, nós sempre temos “saídas de segurança”. Ao invés, a morte obriga-nos a confiar totalmente em Deus. O que nos espera depois da morte é um mistério, que requer da nossa parte uma confiança total. Desejamos estar com Jesus, e expressamos esse desejo de olhos fechados, às cegas, colocando-nos totalmente nas suas mãos.»

Despeço-me com a «visão» que do Céu teve um olhar místico: «Finalmente compreendo o que é o Paraíso. E de que é feita a sua Beleza, Natureza, Luz e Canto. É feita de Amor. O Paraíso é Amor. É o Amor que tudo cria. O Amor é a base sobre a qual tudo repousa. O Amor é o ápice de donde tudo procede. O Pai opera por Amor. O Filho julga por Amor. Maria vive por Amor. Os anjos cantam por Amor. Os bem-aventurados aclamam por Amor. As almas são formadas por Amor. A Luz existe porque é Amor. O Canto existe porque é Amor. A Vida existe porque é Amor» (Maria Valtorta).



O Amor, na Origem e no Fim de Tudo Vocação das Vocações



Não poderíamos concluir este percurso vocacional de reflexão sobre alguns dos grandes chamados do Primeiro (ou Antigo) e do Segundo (ou Novo) Testamento sem fazer uma referência ao Cântico dos Cânticos. Trata-se dum livrinho singular que canta o amor apaixonado de dois enamorados. Ele colhe o âmago de cada e toda vocação, revelando o seu segredo: o Amor.

A nossa comum vocação à santidade é a vocação universal ao Amor. Todas as vocações são, com efeito, um convite a amar e, cada uma delas, um modo particu-

lar de o fazer. O amor é o verdadeiro motor de toda vocação e uma condição permanente para manter viva a chama e o ardor vocacional.

Um coração apaixonado

«O dia em que foi dado o Cântico dos Cânticos a Israel ultrapassa em valor todo o mundo. Todas as Escrituras são santas, mas o Cântico é o Santo dos Santos» (Rabbi Aqiba).

Este livrinho, de sabor especial, foi escrito e inspirado pela paixão do amor e é para ler, meditar e rezar com uma «nota» particular: a de um coração enamorado.

Segundo a interpretação mística este Cântico (por excelência) celebra o amor entre Deus e o seu povo; ou entre Cristo e a sua Igreja; ou ainda entre o Senhor e cada um de nós. Mas o Cântico dos Cânticos, do ponto de vista literário, é uma exaltação do amor humano, por vezes até com (embaraçantes) conotações sexuais. Uma espiritualização excessiva tirar-lhe-ia algo de essencial: a paixão do amor, encarnado e tangível na mediação do corpo.

No matrimónio, feito sacramento do amor entre Cristo e a Igreja Sua esposa (Efésios, cap. 5), é oferecida a oportunidade de amar a Deus com prazer, experimentando através dos sentidos o gozo do afecto e da ternura na doação mútua entre os dois cônjuges. No seu cônjuge, a esposa cristã reconhece Cristo seu Esposo, e a ele/Ele se oferece com afecto e amor reduplicados. E o esposo cristão reconhece com maravilha que é o próprio Cristo que nele ama a sua esposa.

Daí surge a necessidade de que o amor sponsal dos cônjuges cristãos seja «puro», isto é, tão livre quanto possível de todo o egoísmo calculista que quer apoderar-se e explorar o outro. O Cântico dos Cânticos deveria ser, pois, o Livro por excelência dos esposos cristãos. Ele revela a profundidade da vocação que o casal é chamado a acolher e testemunhar na Igreja e no mundo. Ao mesmo tempo, apresenta uma fonte inesgotável de inspiração na caminhada de fé e matrimonial.

Mas o carácter sponsal do cântico aplica-se também perfeitamente àqueles a quem o Senhor chamou à vida consagrada e sacerdotal. É o Cântico dos corações virgens. De facto, a condição «virginal» é um sinal permanente na Igreja da sua

pertença radical a Cristo, seu Esposo. Claro que isso exige uma sublimação ou, melhor ainda, um crescimento ulterior em vista de uma visão e experiência mais profunda e espiritual do desejo e do prazer, para se assemelharem à nossa condição futura.

Despertar o poeta que dorme em nós

Eu diria que o Cântico dos Cânticos ainda não está terminado. O próprio facto de parecer, por vezes, «não ter pés nem cabeça» poderia ser uma secreta alusão a isso, como um piscar de olhos. Na verdade, o Cântico começa no Coração do Esposo (e aí permanecerá sempre, em grande parte, um mistério!) e continua no coração de Israel e da Igreja; passa no coração de cada um de nós, para chegar ao coração de cada homem e mulher; e termina no Cântico nupcial da Jerusalém celeste (Apocalipse, cap. 21).

Mas cada um de nós é chamado a enriquecer o Cântico com o seu próprio canto. Por isso, ele será mesmo... o «Cântico dos cânticos», para o qual cada um de nós contribuiu com a sua nota de harmonia na grande sinfonia. (Quase certamente que ficaremos muito aquém do amor que desejaríamos cantar, mas isso faz parte da nossa natureza limitada, como dizia Karl Rahner: «No tormento da inadequação de tudo o que nós podemos alcançar, chegamos a perceber que nesta vida todas as sinfonias permanecem inacabadas!»)

Esta «nota de harmonia» é, em primeiro lugar, a da beleza da nossa existência, vivida em união com o coração do Esposo. Mas porque não experimentar o nosso «talento» poético exprimindo o «canto do coração» numa oração ou num poema?

Mas eu acrescentaria que o Cântico é também cantarolado em contextos extra bíblicos e eclesiais, embora com alguma (inevitável) nota desafinada. Na verdade, parece que o próprio Cântico foi «resgatado» por Deus, entre os cantarolados pelos ceifeiros no trabalho da colheita, ou vociferados na estrada por vozes apaixonadas, ou sussurrados ao ouvido pelos amantes nas sombras de algum beco escondido. Não é que o Artista, o Espírito, não poderia conceber um poema mais refinado ou uma partitura mais sublime, mas quem sabe se teria sido do agrado do nosso ouvido (desafinado)?! Seja como for, a Sabedoria inspirou a Salomão (o presumi-

do autor do livro) para fazer uma recolha das nossas canções para delas criar a sua obra de arte: o «Cântico dos Cânticos».

É claro que a genialidade poética não se esgotou no coração dos amantes, e por isso a produção de «cantos» não parou. Pelo contrário!... E estou convencido que Deus se diverte a ouvi-los, tanto os que são a Ele cantados (mas não todos, porque alguns devem ser uma verdadeira tortura para o seu ouvido fino!), como aqueles (a grande maioria!) dos que se sentem poetas e «adoradores» só diante da beleza de uma mulher ou de um homem! Porque só Deus pode conhecer e apreciar verdadeiramente um coração enamorado (não fosse Ele o primeiro deles!). E não creio que o «ciúme» Lhe impeça de apreciar um bonito poema ou uma linda canção de amor, embora inspirados pela maravilha e admiração diante da beleza de uma criatura (especialmente se mulher!). Caso contrário não a faria tão bonita, qual temível concorrente!...

Ouvi dizer que alguns santos (como José Maria Escrivá) gostavam de rezar com uma bela canção de amor. E entendo muito bem. Acontece-me também a mim. O coração humano, embora complexo (para não dizer complicado, especialmente o das mulheres, no parecer dos homens, é claro!), é contudo «um», de uma «simplicidade» que revela a mão misteriosa do seu Criador. Não podemos fazê-lo vibrar com fogo de paixão no «andar superior» (da dimensão mística ou espiritual), se o «rés-do-chão» (da nossa humanidade) permanecer frio. Aliás, o risco seria grande. E isto pode comprovar-se na face severa de certos «homens da Igreja» e no rosto infeliz de algumas «esposas de Cristo». Só por piedade o Esposo não recusa a mão de tais esposas «mal casadas». E também a Igreja pouco proveito tira dos homens que a servem como simples empregados. Talvez tais pessoas tenham pensado que para amar a Deus e servir a Igreja teriam de renunciar a amar com o coração de mulheres ou de homens que eram. Quando conseguiram fazê-lo, encontraram-se... sem coração!

Amor apaixonado como vocação e missão

Toda vocação é uma expressão particular da vocação comum e universal ao amor. Esta é a verdadeira «vocação especial», que não é privilégio de um pequeno

grupo de «eleitos», mas a própria essência do ser humano. O amor não é um suplemento às qualidades (superiores?) do pensamento e da vontade. Ao contrário, inteligência e vontade são em função do amor. Deus nos fez livres e inteligentes para que o amor fosse absolutamente consciente e livre, e não simplesmente «instintivo». Caso contrário, Deus teria criado uma «máquina perfeita» para amar... Mas Ele queria que o homem fosse «semelhante a Ele», amante. Não como o perfeito «primeiro motor imóvel» (de Aristóteles), cuja actividade suprema era o puro pensamento (de Si!) e que na sua pura «impassibilidade» atraía a Si, como uma calamita, todos os outros seres... Deus é sim Puro Coração, primordial e original («Deus é amor», 1 João 4,8.16), que ama desde sempre, porque a Sua mais sublime, maravilhosa e agradável actividade é Amar. Um Deus em eterno movimento para o Outro (Trindade), em «missão» permanente de Amor. O Deus Trino revelado por Jesus não é uma Entidade Suprema, um «Eu» fechado em Sua plenitude, mas pura Relação.

A criação vem dessa superabundância de Amor. No «outro» do homem e da mulher (a parte da criação, onde o amor se torna consciente e livre), o amor de Deus revela a sua característica mais surpreendente: a sua extrema e abissal humildade! Ao oferecer-se, o amor de Deus torna-se «pobre» (vestindo a túnica de um mendigo: «Eu estou à porta e bato...», Apocalipse 3,20); torna-se «pequeno» (adaptando-se à nossa limitada capacidade de acolher e de responder ao Seu amor infinito); mas acima de tudo... reveste-se de «paixão» (aceitando o risco de ser ignorado e rejeitado!).

Quando um coração humano toma consciência do Amor débil d'Aquele que, por natureza, é o Todo-Poderoso, após uma reacção inicial de surpresa e de incredulidade, não pode senão render-se a este Amor. Torna-se um seu mensageiro apaixonado, talvez como S. Francisco de Assis, gritando pelas estradas do mundo (porque a mensagem lhe devora o coração e as entranhas!): «O Amor não é amado!». Esta é a missão da Igreja, recebida (mais por contágio que por mandato!) do seu Amado Esposo. Uma missão que será a continuação daquela divina na medida em que será caracterizada pela pobreza, pela pequenez e pela paixão!

ÍNDICE

0 - Atrela o teu carro a uma estrela.....	1
1 - Aprender a viver: Vocação de Adão e Eva.....	2
2 - Construir uma arca: Vocação de Noé.....	7
3 -Viver de esperança: Vocação de Abraão.....	12
4 -Entre solidariedade e solidão: vocação de Moisés.....	18
5 -O profeta de fogo e zelo: Vocação de Elias.....	23
6 -Espelho das nossas fugas: vocação de Jonas.....	28
7 -Uma vocação com cinco moradas: Vocação de João Baptista.....	35
8 -A mulher do Evangelho: vocação de Maria.....	40
9 -Uma palavra para todos: vocação de José.....	46
10 -Generosidade e fraqueza: vocação de Pedro.....	51
11 -Um apóstolo e o seu misterioso gémeo: vocação de Tomé.....	57
12 -Um homem para o presente: vocação de Mateus.....	63
13 -O perfil do novo evangelizador: vocação de Lucas.....	68
14 -O «apóstolo de reserva»: vocação de Matias.....	74
15 -A vocação da quotidianidade: Marta e Maria.....	79
16 -Conta-nos, Maria!: vocação de Maria Madalena.....	84
17 -Deus à procura dum só homem: vocação de Paulo.....	89
18 -Contemplar o Céu, mais além das estrelas: a última Vocação.....	94
19 -Na origem e no fim de tudo, o amor.....	104